

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**



Trabalho de Conclusão de Curso

**Narrativas revisionistas e negacionismos históricos no governo de Jair
Bolsonaro (2019-2022): uma análise a partir das mídias digitais**

Maria Portilho Bagesteiro

Pelotas, 2023

Maria Portilho Bagesteiro

**Narrativas revisionistas e negacionismos históricos no governo de Jair
Bolsonaro (2019-2022): uma análise a partir das mídias digitais**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Ciências
Humanas da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Wilian Junior Bonete

2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B144n Bagesteiro, Maria Portilho

Narrativas revisionistas e negacionismo histórico no governo de Jair Bolsonaro (2019-2022): uma análise a partir das mídias digitais / Maria Portilho Bagesteiro ; Wilian Junior Bonete, orientador. — Pelotas, 2023.

66 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Negacionismo. 2. Revisionismo histórico. 3. Nazismo.
4. História digital. I. Bonete, Wilian Junior, orient. II. Título.

CDD : 981

Maria Portilho Bagesteiro

Narrativas revisionistas e negacionismos históricos no governo de Jair Bolsonaro (2019-2022): uma análise a partir das mídias digitais

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Wilian Junior Bonete (Orientador)
Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Prof.^a Dra. Alessandra Gasparotto
Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Agradecimentos

Confesso que esse momento foi ansiado por mim durante muitos anos, é extremamente emocionante chegar aqui e ver toda a trajetória que percorri. Não foi fácil deixar minha família em 2019 e vir pra uma cidade totalmente diferente de Bagé, no qual eu precisei manter a confiança em mim mesma, mais do que nunca e acreditar que eu conseguiria fazer isso sozinha.

Mãe, espero ter feito valer a pena todo o esforço que tu fizeste pra me manter aqui durante os primeiros meses, pode acreditar que és minha fonte de força e minha maior motivação pra seguir buscando alcançar novas conquistas. Todas as vezes que pensei em desistir, pensei em ti, imaginava que se fosse tu no meu lugar, não desistiria... e olha só onde eu cheguei! Obrigada por tanto amor e carinho.

Tia Mara, minha outra mãezinha, agradeço por todo amor e carinho que me destes, sem pedir nada em troca! Pra mim, é extremamente gratificante estar onde sempre acreditou que eu poderia chegar, e acredita, é só o início! Tio Orlando, obrigada por me fazer sentir parte da família de vocês e por todo apoio!

Às minhas irmãs, que sabem exatamente o caminho que trilhamos e os anseios em seguir nossos sonhos. Minha conquista é a de vocês também! O amor que sinto por vocês não tem limite, agradeço por acreditarem em mim assim como acredito em vocês.

Ao meu companheiro de vida, Ruan. Obrigada por sempre me amparar nos momentos mais difíceis desses quatro anos, por acreditar em mim quando nem eu já acreditava mais! Só tu sabes todos os anseios que eu carrego comigo, e pode ter certeza, tua presença do meu lado foi essencial. Agradeço por toda a paciência em ouvir eu ler os mesmos parágrafos por umas 500 vezes e toda confiança no meu potencial enquanto acadêmica.

À Tatiane, minha grande amiga, que por minha vida toda soube ser uma figura que me auxiliou a idealizar a trajetória acadêmica! Além disso, o apoio mais do que importante nos momentos em que eu mais me sentia perdida e do auxílio que me destes ao vir estudar em Pelotas. Espero te orgulhar sempre!

Às pessoas que fizeram eu me sentir amada durante esse tempo em Pelotas! Minha caminhada não foi sozinha, agradeço à família do Ruan por todo auxílio a nós na cidade, à minha sogra e amiga, que sempre ouviu meus

desabafos em relação à graduação e vida. Aos amigos que encontrei pelo caminho. Agradeço por todas as conversas, amparos, noites de jogatina e comilanças, vocês fizeram desses últimos meses da graduação ser mais leve e carregada de um amor totalmente diferente, o da amizade! Vou carregar vocês sempre comigo.

Não poderia deixar de agradecer imensamente à pessoa que embarcou comigo nessa aventura, nos 45 minutos do 2º tempo. Agradeço ao meu orientador de IC e do TCC, Prof. Dr. Wilian Bonete. Tua ajuda foi essencial pra construção desse trabalho, além de, nossas discussões acerca das leituras da bolsa de IC serem norteadoras pra minha atuação enquanto futura professora e historiadora! Às demais professoras que me possibilitaram atuação como pesquisadora, Daniele e Lisiane!

Não poderia deixar de citar a própria Universidade Federal de Pelotas, que através da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) proporcionou auxílios à minha permanência durante à graduação, assim como, a dedicação total aos meus estudos.

E por fim (mas não menos importante), à minha mesma. Agradeço às minhas “Marias”, que mesmo com os desafios enfrentados, nunca deixou de sonhar e lutar!

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso se propôs apresentar o debate acerca de temáticas relacionadas ao negacionismo e revisionismo histórico no período de Jair Bolsonaro (2019 – 2022), a fim de analisar o conteúdo de 16 fontes digitais a partir de referenciais da História Digital. A análise de conteúdo dos materiais possibilitou a identificação de deslocamento de responsabilidade quanto ao histórico político do nazismo, assim como a presença de usos abusivos do passado como parte do discurso e aproximações evidentes com a ideologia nazista e movimentos supremacistas atuais. Através do presente estudo, foi possível a reflexão quanto às reverberações do discurso político negacionista, este que, exemplificado pelas produções de conteúdo histórico da empresa Brasil Paralelo, pode mascarar-se por intencionalidades educacionais que mostram a necessidade da constante revisão da prática docente e do pesquisador, assim como, a busca por uma história com embasamento científico mais acessível aos indivíduos que entram em contato com essas narrativas a partir da internet.

Palavras-chave: Negacionismo; Revisionismo Histórico; Nazismo; História Digital.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aimed to present the debate on topics related to denialism and historical revisionism during the period of Jair Bolsonaro (2019-2022), in order to analyze the content of 16 digital sources using Digital History as reference. The content analysis of the materials enabled the identification of a shifting of responsibility regarding the political history of Nazism, as well as the presence of past abuses as part of the discourse and evident associations with Nazi ideology and contemporary supremacist movements. Through this study, it was possible to reflect on the repercussions of political denialism discourse, exemplified by the historical content produced by the company Brasil Paralelo, which may disguise itself under educational intentions. This highlights the need for constant revision of teaching practices and research, as well as the pursuit of a history with a more scientifically based foundation that is accessible to individuals encountering these narratives on the internet.

Keywords: Denialism; Historical Revisionism; Nazism; Digital History.

Lista de figuras

Figura 1 - Um judeu, em Budapeste, ao lado de um cartaz de propaganda onde os judeus são comparados aos comunistas, em 1944	35
Figura 2 – Carta assinada por Jair Bolsonaro, em 2004, publicada pelo site neonazista Econac	43
Figura 3 - Pronunciamento de Roberto Alvim.....	45
Figura 4 - Fotografia do ministro da Propaganda Nazista, Joseph Goebbels ..	45
Figura 5 - Assessor da presidência faz gesto com a mão durante sessão no Senado.....	44
Figura 6 - Trecho que enfatiza nomenclatura do partido nazista.....	48
Figura 7 - Trecho que relaciona acadêmicos à censura no período hitlerista ..	49

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Fontes relativas ao nazismo de esquerda.....	33
Tabela 2 - Fontes que possuem expressões de abuso do passado	38
Tabela 3 - Fontes que apresentam aproximações com a ideologia nazista.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – O DEBATE ACERCA DO NEGACIONISMO E REVISIONISMO: ASPECTOS CONCEITUAIS	15
1.1 A ascensão do negacionismo no século XX	15
1.2 O negacionismos em tempos de pós-verdade.....	23
CAPÍTULO 2 – OS DISCURSOS NEGACIONISTAS NO GOVERNO DE JAIR BOLSONARO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS FONTES DIGITAIS	28
2.1 O historiador e o espaço digital	28
2.2 Os discursos negacionistas do governo de Jair Bolsonaro nas fontes digitais	32
CAPÍTULO 3 – ECOS DO NEGACIONISMO	48
3.1 O Nazismo na perspectiva da Brasil Paralelo	48
3.2 O ensino de história como alternativa para o negacionismo	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS:	58
FONTES ANALISADAS	61
ANEXOS	64

INTRODUÇÃO

No dia 2 de abril de 2019, o G1, portal de notícias da Globo, registrou em sua plataforma digital uma polêmica declaração do então presidente Jair Bolsonaro, em viagem diplomática à Israel, que levanta questionamentos sobre o compromisso com a ciência histórica, não apenas por parte do governante, mas também de seus aliados e apoiadores ferrenhos. Na declaração¹, Jair Bolsonaro afirmou categoricamente que o nazismo era de esquerda:

O senhor concorda com o seu chanceler de que o nazismo foi um movimento de esquerda? indagou um jornalista a Bolsonaro. "Não há dúvida, não é? Partido Socialista, como é que é? Da Alemanha. Partido Nacional Socialista da Alemanha", respondeu o presidente (G1, 2019)

Essa afirmação reverberou durante sua estadia em Israel, enquanto visitava o Centro Mundial de Memória do Holocausto e buscava firmar alianças simbólicas em relação à segurança e comércio.

É essencial destacar que essa viagem e estadia de poucos dias deveria simbolizar a postura da política externa brasileira nos próximos quatro anos de seu mandato, com metas e uma agenda bem definida. De fato, simbolizaram, porém de uma maneira que gerou diversas repercussões em relação às falas proferidas, as quais refletiram a falta de compromisso não apenas com a memória das vítimas do Holocausto, decorrente da ideologia nazista, mas também com as vítimas da ditadura civil-militar. Isso evidenciou o peso do que podemos denominar como um negacionismo histórico.

Neste sentido, o objetivo central deste trabalho é realizar uma análise do conteúdo de 16 fontes digitais, mais especificamente jornais de maior circulação, que registraram o discurso político de Jair Bolsonaro e integrantes de seu governo, proferidos entre 2019-2022 (período de seu mandato). Esses discursos foram identificados como manifestações de negacionismos e receberam ampla cobertura da mídia online. Tais matérias que abordam essas falas são consideradas fontes digitais exclusivas², uma vez que registraram essas

¹ G1. "Bolsonaro diz não ter 'dúvida' de que nazismo era de esquerda." Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/02/bolsonaro-diz-nao-haver-duvida-de-que-nazismo-era-de-esquerda.ghtml>. Acesso em: 01/07/2023

² Fábio Chang de Almeida categoriza as fontes disponíveis na internet como exclusivas ou não exclusivas, neste caso, foi-se utilizado apenas o material originado e suportado digitalmente,

respectivas falas e foram selecionadas para análise. A escolha metodológica baseou-se na historiografia recente que tem investigado temas relacionados ao negacionismos e revisionismo histórico. No que diz respeito à temática e ao conteúdo presentes nessas fontes, para essa pesquisa, houve a delimitação de declarações e ações relacionadas ao debate sobre o nazismo e o Holocausto. Essa delimitação teve o propósito de categorizar e classificar o material relevante para fins de análise.

É imprescindível explicar as motivações que levaram à produção desse trabalho. A primeira delas diz respeito ao período em que atuei como bolsista de iniciação científica (CNPq), sob a orientação do prof. Dr. Wilian Junior Bonete, cujo início se deu em setembro de 2022, com encerramento em agosto de 2023. A participação neste, e outros projetos, foram extremamente agregadoras e os fatores principais que me trouxeram até esse momento, com pesquisas acerca da História Digital. É oportuno destacar que a minha veiculação com o grupo de pesquisa: “HEDUCA – História e Educação: textos, escritas e leituras”³ possibilitou não só a realização de discussões acerca dos novos desafios investigativos, mas o contato com produções de outros colegas, em construção, fomentando seu resultado através dos debates presentes nesse espaço. Considero também que minha atuação junto ao Portal Clio HD⁴ uma das mais significativas pois, além de obter novas referências teóricas, também fez parte da minha prática como historiadora, pois propiciou a minha participação na construção do acervo de fontes digitais das quais muitas eu utilizo como objeto de análise na presente pesquisa.

Outro momento significativo que contribuiu para a realização dessa pesquisa foi a minha participação na disciplina optativa "Teoria e Metodologia da Pesquisa em Ensino de História"⁵. Na ocasião foram promovidas diferentes discussões acerca das dimensões da história pública e dos usos do passado.

inseridos na primeira categoria. O debate e explicação acerca das características de ambas está presente no tópico 2.1 O historiador e as fontes digitais.

³ O grupo é coordenado pela Prof. Dr.^a Lisiane Sias Manke, do departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

⁴ O Portal Clio HD é um projeto de pesquisa vinculado ao Departamento de História e ao HEDUCA (CNPq). Para maiores informações, acessar: <https://wp.ufpel.edu.br/cliold/sobre-cliold/>

⁵ Trata-se de uma disciplina optativa no curso de licenciatura em História e que na ocasião (2022) foi ministrada pelo professor Dr. Wilian Bonete, sendo executadas atividades práticas como seminários e construção de instrumentos de coletas de dados para a pesquisa em ensino de História e Didática da História.

Nesse contexto, a obra intitulada *História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo*, organizada por José D'Assunção Barros (2022), serviu como um importante aporte teórico, provocando minha reflexão sobre a ainda escassa produção acadêmica que utiliza fontes digitais exclusivas para a análise do discurso negacionista.

Compreendo a importância de trabalhos que problematizem tais narrativas, visto que, o negacionismo e revisionismo refletem nocivamente na memória daqueles que nós, como historiadores, lutamos tanto para manter intacta. É fato que as publicações dos discursos de cunho negacionistas de Jair Bolsonaro e seus aliados chegaram há milhares de pessoas pelo meio digital, mas poucas levantaram a problematização em relação aos perigos desses discursos, bem como o aumento considerável dos grupos de extrema-direita que compactuam e disseminam ideias semelhantes pela internet.

Nesse sentido, no primeiro capítulo aborda o histórico do debate e da conceitualização de negacionismo, revisionismo e sua aplicação na era pós-verdade. O segundo capítulo dedica-se ao breve debate acerca do trabalho do historiador digital visando atingir o principal objetivo da pesquisa que é analisar o conteúdo das fontes coletadas. O terceiro capítulo contempla a reflexão sobre um caso que representa o eco do discurso negacionista em voga no mandato de Jair Bolsonaro, para em seguida fazer alguns apontamentos acerca do ensino de história frente a esses desafios.

CAPÍTULO 1 – O DEBATE ACERCA DO NEGACIONISMO E REVISIONISMO: ASPECTOS CONCEITUAIS

O presente capítulo tem como objetivo principal apresentar alguns debates em torno das definições dos conceitos de negacionismo e revisionismo à luz da historiografia. Além disso, pretende-se contextualizar a designação desses conceitos à sua origem e analisar os elementos que alimentam tais fenômenos na atualidade, considerada como uma era da pós-verdade (D'ANCONA, 2018; MENESES, 2019), considerando as potencialidades de retroalimentação no ciberespaço (LEVY, 1999).

Desse modo, questiona-se: o que é ser um negacionista? Seria apenas discordar do seu adversário? Apenas negar a existência de algo? O negacionismo é apresentado explicitamente ou também se encontra nas entrelinhas dos discursos? É comum que muitas pessoas não se identifiquem como negacionista, e devido a estas e outras questões, destaca-se que é necessário a realização de reflexões e pesquisas quanto às narrativas que se aderidas ou não pelos sujeitos, quem as perpetua, por quais veículos de comunicação atingem amplas repercussões e com quais finalidades tais narrativas entram em circulação. Argumenta-se que há uma propensão de uma parcela de sujeitos à adesão aos discursos negacionistas partir de determinados fatores os quais serão elencados e refletidos a seguir.

1.1 A ascensão do negacionismo no século XX

Para buscarmos as definições conceituais e verificarmos suas potencialidades para a interpretação da realidade prática, partimos de alguns questionamentos: “o que é o negacionismo? em que momento ele surge?”.

Tendo como ponto de partida a obra *Negacionismo & desafios da ciência* de Carlos Orsi (2022), compreendemos que existe um fenômeno recente denominado “infodemia”, conceito caracterizado por Orsi (2022) em “ser propício à disseminação de informações falsas, mentiras e distorções a respeito da doença em velocidade ainda maior que a de contaminação do próprio vírus” que atingiu uma dimensão maior durante o período pandêmico e apresentou-se

efetivamente como uma das propriedades do negacionismo. Mas seria esse conceito um termo recente?

O negacionismo não é um fenômeno que surgiu concomitante com a recente pandemia do Covid-19, mas sim, que possui raízes e utilizações ainda mais antigas e muitas vezes em aspectos cotidianos e de divergências de ideias, posições e preferências. O fato é que os negacionistas sempre existiram. Orsi (2022), propõe uma discussão sobre o negacionismo em escala coletiva, social ou mesmo global, estabelecendo que a negação patológica não se dá mais individualmente. O autor ainda relata que há forças que movimentam os sujeitos a estarem propensos a manterem-se no negacionismo, exemplifica a partir de dois fatores: psicológico (vaidade ou sobrevivência em grupo) e estratégico (a fim de impedir políticas públicas).

Orsi (2022) destaca que o conceito de negacionismo é uma adaptação do termo inglês “*denialism*”, surgido através dos polemistas de origem europeia e norte-americana, que não se identificavam como “negadores”, mas como sujeitos que propunham um novo olhar ou um reinterpretar a história em outra perspectiva. Conforme Marcos Meinerz (2023, p. 24), “o conceito de negacionismo e suas implicações políticas remontam movimentos oriundos no século XX com a negação do Holocausto”.

Esse negacionismo, atrelado à um revisionismo ideológico, consistia, a partir dos documentos e evidências existentes, em negar a ocorrência dos crimes ou atribuí-los aos inimigos vermelhos⁶, no contexto do Holocausto de inúmeros grupos étnicos, pelas políticas nazistas, caracterizando-se, assim, como uma manifestação de omissão ou distorção histórica.

Assim, pode-se notar que, de acordo com tais discursos, para dar aparência histórica às suas narrativas, os negacionistas utilizam estratégias diversas, dentre elas, apropriação de documentos e de memórias particulares, que são interpretados de forma deturpada para dar credibilidade às suas teses; e generalizações de posturas metodológicas para questionar o próprio Holocausto enquanto acontecimento (GANDRA & JESUS, 2020 apud NAQUET, 1988, p. 42).

⁶ A referência aos "inimigos vermelhos" geralmente se relaciona à propaganda nazista e à retórica antisemita que os nazistas usaram para justificar suas políticas e ações. Os nazistas alegavam que havia uma conspiração judaica internacional para controlar o mundo e que os judeus eram os inimigos de seu Estado ariano. Além disso, o termo "vermelhos" era frequentemente usado para se referir aos comunistas e socialistas, que eram vistos como inimigos ideológicos pelos nazistas.

É na obra de Pierre Naquet (1988) intitulada *Os Assassinos da Memória*, que podemos encontrar alguns exemplos das tentativas desses sujeitos de embasar, através de produções com métodos denominados científicos, evidências de que o Holocausto jamais aconteceu da forma como se perpetua desde a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial. Naquet ainda destaca Arthur Butz ⁷e Robert Faurisson⁸ como figuras líderes do movimento negacionista no século XX, que defendiam procedimentos como:

1. Qualquer testemunho direto do Holocausto trazido por um judeu é uma mentira ou uma invenção.
2. Qualquer testemunho ou qualquer documento antes da liberação dos campos é falso ou ignorado ou tratado como “boato”.
3. Qualquer documento, em geral, que nos fale em primeira mão sobre os métodos dos nazistas é uma invenção ou um documento falsificado.
4. Qualquer documento nazista que forneça testemunho direto é considerado pelo valor de face se for escrito em linguagem codificada, mas ignorado (ou subinterpretado) se for escrito em linguagem direta. Por outro lado, qualquer manifestação de racismo de guerra nos campos aludados (e eles não faltaram, como se pode imaginar) é tomada em seu sentido mais forte.
5. Todo testemunho nazista após o final da guerra, levado a julgamento no Leste Europeu ou no Ocidente, em Varsóvia ou em Colônia, em Jerusalém ou em Nuremberg em 1945 ou em 1963, é considerado obtido por tortura ou intimidação.

⁷ Arthur Butz é, atualmente, professor adjunto de Engenharia Elétrica na Universidade de Northwestern, nos Estados Unidos. Em 1976, publicou o referido livro negacionista. Seu livro adota procedimentos típicos de obras desse gênero, como a desvalorização do depoimento dos sobreviventes, a apresentação de argumentos distorcidos, a insistência em “abrandar” as brutalidades cometidas pelos nazistas, a tentativa de chamar a atenção para crimes de guerra cometidos pelos Aliados, etc. (CLEMENTE, 2014, p.14)

⁸ Faurison é um ex-professor de literatura francesa da Universidade de Lyon. Ele foi adepto da teoria de que as câmaras de gás não existiram nos campos de extermínio e de que o genocídio nada mais é do que uma farsa. O antigo professor foi o elo entre as ideias negacionistas com a população através da escrita de artigos em jornais de informação da época. A participação do intelectual muda o cenário negacionista, que deixa de ser algo panfletário para adentrar o ambiente acadêmico. (ÁVILA, 2019, p. 55)

6. Todo um arsenal pseudotécnico é mobilizado para mostrar a impossibilidade material de gaseamento em massa. (NAQUET, 1988).

Olívia Clemente (2014), ao analisar especificamente a obra de Butz (1976) “The Hoax of the Twentieth Century”⁹ elenca de modo a contemplar na sequência da produção as bases e métodos de descredibilizar utilizadas pelo engenheiro, como por exemplo o uso da estatística demográfica (para explicar tal “desaparecimento” dos judeus em território alemão) e até mesmo acerca da propensão de proliferação de doenças e mortes acarretadas por tifo. Fato é que, a falta de confiança na historiografia e história social no período pós-guerra pode ser compreendida como formas de inserir-se no meio em que se propõe criticar, apropriando-se da autoridade de produzir conhecimento histórico ou científico.

Um retrato das tentativas de inserção do revisionismo com caráter ideológico no Brasil pode ser exemplificado através das produções da Editora Revisão Ltda¹⁰, a extinta editora gaúcha “fundada por Siegfried Ellwanger Castan (1928 – 2010) em 1985, sendo responsável pela propagação do discurso negacionista, através da publicação de vários livros contendo material antissemita” (ÁVILA, 2019, p. 11).

As obras possuem objetivos semelhantes aos polemistas norte-americanos e europeus de proporcionar uma outra interpretação da história, a Editora Revisão tornou-se a principal propagadora do discurso negacionista no Brasil da década de 80. A partir da comercialização de seu acervo em locais sociais de constante público, as obras com conteúdo antissemita e de justificativas às políticas nazistas que circulavam livremente em eventos e exposições literárias de Porto Alegre, até então serem devidamente denunciadas pelo Movimento Popular Anti-Racismo e durante à 36ª Feira do Livro de Porto Alegre, tendo suas produções foram apreendidas a partir de ordem judicial (CUNDARI, 2006, p. 105).

⁹ “O engano do século” (tradução nossa).

¹⁰ A Editora Revisão de Siegfried Ellwanger foi denunciada ao Ministério Público. O autor foi acusado de editar e distribuir obras de autores brasileiros e estrangeiros com mensagens anti-semitas, visando a “incitar e induzir a discriminação racial, semeando em seus leitores sentimentos de ódio, desprezo e preconceito contra o povo de origem judaica”, com base no Inquérito Policial, nº 081/91, da Delegacia de Polícia do 1º Distrito de Porto Alegre (CUNDARI, 2006, p. 110)

A partir de uma análise documental de obras de Castan e dos colaboradores, Sérgio Oliveira e Hélio J. de Oliveira, como o “Holocausto judeu ou alemão” (1987) e “Acabou o gás...o fim de um mito” (1989), “O Massacre de Katyn” (1989), “Propaganda de atrocidades é uma propaganda de mentiras” (1999), entre outras dezenas de produções que compunham o acervo da Editora Revisão, Felipe Ávila (2019) considera que:

(...) é possível perceber que os livros têm como ponto em comum denunciar uma possível conspiração judaica. O Holocausto seria a “mentira do século”. Através dessa “mentira”, os judeus estariam assumindo uma posição de vítima, a fim de obterem indenizações de guerra e formarem o Estado de Israel. [...] à tentativa de imposição de uma vertente historiográfica que busca seu lugar social através da negação acidental ou do falseamento direto de saberes de fontes já observadas. Tal análise torna-se importante pois evidencia que os materiais da revisão ainda estão na ativa e servem de fomento para discursos de ódio e violência (ÁVILA, 2019, p. 76)

Se conforme Orsi (2022) o negacionismo sempre existiu num plano mais individual, o pós-guerra é marcado pela ampliação e sofisticação desse discurso negacionista (NAPOLITANO, 2021, p. 91) a partir do momento em que ele passa a penetrar a academia, não no âmbito da produção historiográfica, mas através de sujeitos que defendem que a comprovação de alguma ideia ou fato requer um procedimento metodológico científico, mesmo as questões éticas não sejam observadas.

Visto que o revisionismo é processo insubstituível das produções historiográficas e da própria práxis do historiador, como podemos evitar que o revisionismo histórico se torne uma porta de entrada para o negacionismo? É necessária a diferenciação entre o revisionismo historiográfico e o revisionismo ideológico a partir das intenções de cada um.

O revisitar o passado deve fazer parte do exercício de criticidade do historiador, sendo assim, visando o desenvolvimento e avanço do conhecimento histórico através de questionamentos “saudáveis” se caracteriza assim o revisionismo histórico calcado e preocupado nas questões éticas da profissão, no qual, supera a opinião e o senso comum (PICOLI; CHITOLINA; GUIMARÃES, 2020, p. 21).

Visto isso, seu antagonista denominado “Revisionismo de matriz ideológica” (NAPOLITANO, 2021, p. 99) atua de maneira a recusar o

conhecimento já produzido acima dos preceitos éticos, justificado assim, uma revisão a partir de uma perspectiva neutra e contra aquela produzida nos preceitos éticos da academia que possui alto nível de contaminação ideológica (BRASIL P, p. 17).

Sua prática ainda busca ressaltar-se através de demandas atuais que requerem algumas características em suas produções, segundo Napolitano (2021): tema sempre polêmico; refém de objetivos ideológicos; falta de método e da ética da pesquisa; calcado na manchete sensacionalista; apropriação histórica descontextualizada; anacronismo e uso acrítico de fontes primárias. Como apontado por (PICOLI; CHITOLINA; GUIMARÃES, 2020, p.17) “estratégia discursiva é simples, mas eficiente: considera ideológico o que é científico e científico o que é ideológico, desde que corrobore com a opinião estabelecida a priori (ARENDRT, 1973).

Caroline Bauer (2021), ao trabalhar com a questão dos usos do passado, apresenta uma característica do negacionismo – não de forma literal, mas com propriedades inseridas nas narrativas – que é o “rechaçar determinadas fontes e pesquisas, acusando-as de errôneas, lacunares ou portadoras de um vício de origem – geralmente ideológico” (p. 47), atributos que encaixam perfeitamente na atuação dos negacionistas do Holocausto ao promover a necessidade de uma nova revisão – que busca justificar o injustificável através do que já se possui como prova.

Acerca da conceitualização do negacionismo, além da recusa do conhecimento histórico consolidado na academia, Napolitano (2021) e Bauer (2021) atribuem o negacionismo como a disposição de sua narrativa como única e exclusivamente verdadeira. Afirmações como essas explicitam a relação quase que inevitável com o “revisionismo de matriz ideológica” (NAPOLITANO, 2021, p. 99) ou “apologético” (BAUER, 2021, p. 46).

Considerando o revisionismo como parte do processo de atualização e do avanço do conhecimento histórico, Napolitano (2021) compreende que sujeitos utilizam desse procedimento com intenções políticas de revisitar ideologicamente o passado, designando a conceitualização de um “revisionismo de matriz ideológica” como:

Resultado de demandas ideológicas e valorativas e colige fontes e autores para confirmar uma visão pré-construída acerca de um tema histórico, quase sempre polêmico. Esse tipo de revisionismo é refém de objetivos meramente ideológicos, de falta de método e da ética da pesquisa historiográfica. Trata-se daquele revisionismo calcado na manchete sensacionalista [...] (NAPOLITANO, 2021, p. 99)

As novas disputas que se seguem acerca do passado (NAPOLITANO, 2021) passam pelo devastador procedimento de abuso da história (BAUER, 2021, p, 49) e influenciam diretamente a memória das vítimas da Shoah¹¹ Sônia Meneses (2019) denomina como “história abusiva” as narrativas em que grupos negacionistas e revisionistas apoiam-se atualmente, corroborando com a má utilização da História em si, negando fatos, descredibilizando historiadores e professores de história, falsificando fontes para embasar suas falácias, utilizando e abusando da História visando um produto midiático que influencie o consumidor à uma estagnação reflexiva sobre si e a história em que o rodeia, desacreditando acontecimentos históricos que requerem uma atenção àqueles que geralmente não compõem feitos em guerras ou dominação.

A partir da não obrigatoriedade de negar o passado – de forma literal – em que se instaura ainda no século XX seguidores desses sujeitos que buscam continuar adentrando em um espaço de conflito com a academia, buscando rechaçar o cientificismo e reivindicar o passado. Considerando a contribuição historiográfica de Napolitano (2021), poderíamos considerar atualmente o negacionismo como:

A negação a priori de um processo, evento ou fato histórico estabelecido pela comunidade de historiadores como efetivamente ocorrido no passado. (...) o negacionista rejeita o conhecimento estabelecido pelas bases metodológicas (...) alimentam e são alimentados pelas diversas “teorias da conspiração” (...) canalizadas por interesses políticos, sobretudo de partidos e líderes de extrema-direita (NAPOLITANO, 2021, p. 98).

Seria então o negacionismo algo exclusivo dos estudos sobre o Holocausto? De acordo com Orsi (2021), Napolitano (2021) e Bauer (2021) o

¹¹ É importante esclarecer que o termo é originário de um dialeto alemão falado pelos judeus ocidentais e é a palavra que melhor substitui o termo holocausto. Shoah quer dizer calamidade. Holocausto possui um significado que se atém a prática da reparação de pecados por meio de incineração. Desse modo, usar o termo Holocausto diminuiria o peso da catástrofe e abriria espaço para a perpetuação do antissemitismo. A prática nazista foi um genocídio e não uma manifestação de sacrifício a Deus. (MACIEL & RODRIGUES, 2013, p. 36)

negacionismo contemporâneo tem origens no debate acerca do Holocausto, mas não restringiu sua utilização apenas a ele, a adaptação à novos temas polêmicos bifurcaram o conceito em diversas áreas, integrando uma grande família – negacionismo histórico, científico e climático – composta por negar a ciência e ao mesmo tempo produzir uma imagem semelhante a ela – no que diz respeito aos atributos metodológicos.

Até este momento, pôde-se identificar os principais elementos de designação do conceito de negacionismo a partir de suas iniciais utilizações, assim como sua origem, buscando esclarecer a inevitável relação com o revisionismo ideológico. É de demasiada importância compreendermos que elementos da sociedade digital e do contexto de pós-verdade atenuam a complexidade do que podemos definir como “negacionismo” evidenciando a necessidade de o relacionar com os debates sobre a história pública” (BAUER, 2021).

Qual seriam então os desafios proporcionados pela era da pós-verdade e porque se faz tão indispensável a relação da atuação do historiador com a história pública? O que leva a crer que o trabalho dos historiadores pode ser substituído pelos demais sujeitos da sociedade? Matthew D’Ancona (2018) atribui o colapso da confiança na ciência ser a base da era da pós-verdade (p. 42).

D’Ancona (2018) caracteriza a era da pós-verdade como aquela possibilitadora da realidade em que cada sujeito quer viver. Obviamente que essa escolha considerará certos prejulgamentos que serão reforçados:

A mídia social e os mecanismos de busca, com seus algoritmos e hashtags, tendem a nos dirigir para o conteúdo de que vamos gostar e para as pessoas que concordam conosco. Muitas vezes rejeitamos como “trolls” aqueles que se atrevem a discordar. A consequência é que as opiniões tendem a ser reforçadas, e as mentiras, incontestadas” (D’ANCONA, 2018, p. 53).

Seria a chegada da era da pós-verdade a gota d’água para o trabalho científico no Brasil e no mundo? Teria chegado o momento em que assistiríamos passivamente o silenciamento de nossas produções? É necessário compreendermos como a chegada desse novo período potencializou embates que antes já existiam e quais artifícios foram utilizados para tal alcance, visando

uma posterior reflexão quanto ao papel dos professores e historiadores enquanto figuras ativas na nova era.

1.2 O negacionismos em tempos de pós-verdade

Nos últimos anos, tem se consolidado no Brasil o movimento negacionista, utilizando-se de diversas facetas para convencer o público, incluindo uma grande parcela com ideais e valores conservadores¹². Em um período em que a história que emociona (mesmo que inventada) importa mais que a ciência histórica (D'ANCONA, 2018, p. 25), o passado é usado e abusado de maneira que emocionem os sujeitos – agora como usuários do ciberespaço – e os motivem a agir politicamente ou socialmente fora do espaço virtual.

Durante esses últimos anos, situações históricas como a pandemia de Covid-19 e o início da Guerra na Ucrânia foram utilizadas como ferramentas para o discurso ideológico de um ícone político que desempenhou um papel significativo nesse processo. Jair Bolsonaro foi um dos governantes pioneiros a usar as redes sociais e outras mídias para disseminar desinformação, alinhando-se ao negacionismo científico e influenciando milhares de pessoas a recusarem a proteção proporcionada pelas vacinas, em um momento de enorme necessidade delas, corroborando com a afirmação de Débora El-Jack de Andrade (2022) da atual realidade cibernética e a tecnologia digital que molda substantivamente as relações sociais.

No entanto, ainda antes do mandato de Jair Bolsonaro (2019-2022), durante a eleição presidencial nos Estados Unidos em 2016, Donald Trump empregou estratégias de marketing político fundamentadas nas oportunidades proporcionadas pelas redes sociais. Essas plataformas digitais ofereceram uma abertura para diversas formas de alcance de publicidade, e o então candidato

Trump soube se valer dessas brechas para ampliar sua presença nos meios digitais e direcionar sua mensagem política. Durante esse período, sua principal oponente foi Hilary Clinton, que também investiu recursos em

¹² Para Pierucci (apud PEREIRA, 2015, p. 886), a “nova direita” tem medo e se sente ameaçada pelos outros, primando por “diagnosticar a crise geral do presente como uma crise primeiramente cultural, uma crise de valores e de maneiras”, o que se configura na salvaguarda do Deus cristão e de valores familiares tradicionalistas, como a heteronormatividade e o binarismo de gênero, além de um patriotismo mesclado com liberalismo econômico. (NETO, 2019, p. 84)

plataformas digitais de comunicação, porém, apesar desses esforços, acabou sendo derrotada ao término do processo eleitoral. (EL-JAICK, 2022; D'ANCONA, 2018).

A vitória do magnata empresarial deve ser atribuída, em parte, à efetiva campanha política que ele construiu, focalizando especialmente na circulação digital¹³. Essa estratégia foi marcada pelo emprego de discursos xenofóbicos, misóginos, racistas e ataques à imprensa, bem como a disseminação de negacionismo climático, entre outros aspectos. Através das redes sociais, Trump foi capaz de alcançar uma ampla audiência, encontrando ressonância em uma parcela significativa da população, que se identificou com suas mensagens controversas e polarizadoras. A utilização hábil dessas plataformas digitais contribuiu para a construção da imagem e da mensagem política de Trump, conferindo-lhe vantagem competitiva em relação à sua adversária.

É importante analisar e retomar as estratégias midiáticas de Trump, antecedentes a Jair Bolsonaro, para compreender como os “ventos” da extrema-direita conspiraram a favor da vitória do ex-presidente brasileiro. Mesmo diante das dúvidas sobre sua capacidade de obter sucesso eleitoral devido às suas limitações enquanto deputado, com 27 anos de experiência política e poucos projetos aprovados, a construção de redes que visavam à utilização de fake news e discursos negacionistas se mostrou eficiente como forma de adquirir apoio político. Esse contexto evidencia a relevância do ambiente digital como uma ferramenta estratégica para líderes políticos, capaz de influenciar a opinião pública e impactar resultados eleitorais de maneira significativa (EL-JAICK, 2022).

Além de impactar a saúde de seus apoiadores motivando-os a recusa das vacinas contra a Covid-19 e à contestação quanto à eficácia delas, Jair Bolsonaro também se utilizou de narrativas históricas que ressaltavam a presença do perigo vermelho na sociedade brasileira no século XX a fim de justificar o autoritarismo militar dos anos 1964-1988, muitas vezes equiparando-

¹³ “Para ter sucesso em tal empreendimento, a empresa que assessorou Donald Trump, a Cambridge Analytica, beneficiou-se de dados relacionados a mais de 50 milhões de usuários do Facebook, o que tem lançado graves questionamentos sobre a confiabilidade na segurança nas redes sociais” (EL-JAICK, 2022, p. 180).

o à ideologia nazista. No entanto, ao analisar seu governo, é possível identificar diversas características e aproximações que contradizem essa afirmação:

A propaganda bolsonarista propagou-se de maneira semelhante ao modelo nazista, desacreditando a imprensa e a opinião pública. Dessa forma, Bolsonaro criou uma ideia para seus seguidores de que apenas as informações veiculadas por suas redes de informação eram verídicas (OLIVEIRA, LARIZZATTI, 2021, p. 72).

Por meio das declarações proferidas por um presidente em atuação, observa-se o consagrando dos ideais negacionistas, que encontram eco em diversos grupos, instituições e figuras públicas que ganham destaque em suas produções midiáticas. Desde as transmissões ao vivo feitas pelo ex-presidente com o intuito de se aproximar de seus eleitores até grandes produções audiovisuais de organizações ideologicamente alinhadas, registram-se e produzem-se materiais que podem e são facilmente refutados pelo trabalho acadêmico das universidades brasileiras. Independente de visar um embate com o âmbito acadêmico ou não, o alcance que o ambiente digital proporciona a esses produtos trazem consequências extremamente nocivas, em segundos as informações ali transmitidas podem tornarem-se em questionamentos do senso comum que influenciam na recusa de estudos da ciência histórica:

(..) pode-se reconhecer que as redes sociais não necessariamente estão posicionadas contra a ciência, mas que por estarem focadas na lucratividade resultante do engajamento produzem um imediato cerceamento da difusão dos conteúdos científicos, na medida em que esses têm uma maior dificuldade de encontrar público nesse tipo de ambiente virtual (RIBEIRO, 2023, p. 83).

Essas produções audiovisuais possuem uma característica marcante que dizem respeito os usos do passado e suas apropriações em detrimento a objetivos bem específicos. Esses usos do passado, não se restringem ao espaço virtual, mas também estão nas telas das grandes emissoras de canais abertos e nas narrativas adaptadas para novelas.

A título de exemplo, notamos como o passado tornou-se uma febre na produção midiática, quando somente entre o ano de 2017 e o primeiro semestre de 2018, entre novelas e minisséries produzidas em canais abertos no Brasil, contabilizamos 11 programas ambientados em outras temporalidades, desde o século XVI a.C., passando pela Idade Média, até a década de 1980 (MENESES, 2021, p. 72).

Considerando a diversidade de produtos como esse no Brasil, Sonia Meneses (2021) discorre em relação aos seus objetivos, em sempre visarem um grande público e trazendo um caráter “educativo” e que

Num cenário tão diverso, algumas obras assumiram vieses claramente conservadores ou negacionistas, dissimuladas em linguagens atualizadas e formas de interação nas quais as maneiras de dizer importam mais do que o que é dito (MENESES, 2021, p. 72).

Podemos ilustrar um exemplo dos ecos do discurso negacionista com atributos revisionistas, que buscam um consumo – baseado no investimento ali – através das produções da empresa Brasil Paralelo¹⁴. Essa empresa apresenta conteúdos que “*procuram questionar a legitimidade da história como ela tem sido contada na escola, na universidade ou na academia como um todo, ocasionalmente procuram realocar e reivindicar para si*” (FONTOURA, 2022, p. 158) e que, podemos identificar através de seus artigos online o compactuar com o ideal de “nazismo de esquerda”.

A reverberação do discurso, atrelado à quem, por que e por onde profere pode ser inserida na afirmação de que “radicalismos tomam conta da vida comum” (BARROS, 2022, p. 48) e que o ambiente virtual, que em um espectro político não é nada neutro, alimenta a formação de “bolhas” virtuais no qual indivíduos com os mesmos preconceitos compreendem que o mundo compartilha de seu mesmo pensamento.

Para Barros (2022) a sociedade digital é ambígua: proporciona informação – quase instantânea, barata e funcional (p. 51) – mas também desinforma – através da manipulação dessas informações e a criação de *fake news*. Como elencado anteriormente, a interlocuções dos sujeitos usuários atrelado ao consumo desses conteúdos falsos, contribui drasticamente na atuação política dos movimentos no “mundo real” no qual podemos exemplificar consequências do discurso cancelado.

¹⁴ A Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A é uma empresa fundada em 2016, em Porto Alegre, como parte da onda conservadora de direita que cercava o período de reeleição e do impeachment de Dilma Rousseff. A empresa é alinhada às ideias de Olavo de Carvalho.

Marcos Meinerz (2023) atribui a utilização da internet como parte do procedimento de alimentação desses nichos, usando o grupo Qanon¹⁵ – integrada por apoiadores de Trump e crentes em teorias da conspiração – como representação:

(...) os negacionistas procuram na internet (canais do *Youtube*, Blogs, Sites, Fóruns, comunidades do *Facebook*) as informações que confirmam as suas convicções, em um sistema de autoconfirmação ou retroalimentação. Essa retroalimentação acaba tendo, como efeito, a repetição modal das mesmas narrativas e discursos, produzindo uma espécie de pseudoconfirmação que induz os leitores e ouvintes a acreditarem naquilo que estão lendo ou ouvindo pelo menos que seja passível ou plausível de se acreditar. Ora, “uma mentira repetida mil vezes, torna-se verdade”, para citarmos a frase muito utilizada pelo ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels (MEINERZ, 2023, p. 42)

Em suma, o negacionismo que em sua origem priorizava a utilização do revisionismo ideológico como característica base quanto aos crimes de guerra cometidos pelo Partido Nazista e pela catastrófica aniquilação de judeus, homossexuais, pessoas atípicas, imigrantes, Santis e comunistas, desenvolveu-se a partir do aperfeiçoamento das formas de comunicação que possibilitaram aproximação, consolidação de nichos e informação (principalmente desinformação).

Com a ascensão das novas direitas, personagens políticos utilizaram-se do ciberespaço para perpetuação e circulação de suas ideias. No entanto, como seria a repercussão dos discursos negacionistas em dimensão nacional proferido pelo governo em atuação? É a pergunta que buscaremos responder no próximo capítulo.

¹⁵ Qanon é um grupo estadunidense de viés conspiracionista e de extrema-direita que participou ativamente na Invasão do Capitólio (2021) (...) a teoria central defendida pelos participantes é que existe um grupo de elites adoradoras de Satanás que administram uma rede de tráfico sexual infantil e estão em busca de controlar a política e mídia estadunidense. Além disso, outra forte crença central do grupo é a de que o ex-presidente Donald Trump está travando uma guerra secreta contra os pedófilos da elite satanista no governo, nos negócios e na mídia (MAZZA, 2022, p.9)

CAPÍTULO 2 – OS DISCURSOS NEGACIONISTAS NO GOVERNO DE JAIR BOLSONARO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS FONTES DIGITAIS

O presente capítulo visa apresentar a análise dos discursos de Jair Bolsonaro que reverberaram nas mídias digitais. A exposição divide-se em dois momentos: a) uma breve abordagem acerca do que são as fontes digitais e as suas potencialidades para o trabalho do historiador do tempo presente, assim como a justificativa para o método de análise das fontes; b) Análise de conteúdo das fontes digitais, assim como, contextualização e discussão acerca das declarações de indivíduos parte do governo de Jair Bolsonaro.

A utilização da obra organizada por José D'Assunção Barros, *História Digital: A historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo* (2022) tornou-se a base dessa discussão, uma vez que se propõe trazer novas abordagens em relação a utilizações de fontes digitais. A obra conta com sete capítulos e é dividida em duas partes: a primeira trata da sociedade digital e a nova historiografia que a acompanha, a segunda parte contempla os novos objetos e metodologias para as pesquisas em História Digital.

Tendo como referência a primeira parte e seus dois capítulos: “Revolução digital, sociedade digital e História” de José D'Assunção Barros e “Internet, fontes digitais e pesquisa histórica” de Fábio Chang de Almeida, busca-se discorrer mais incisivamente acerca da posição do historiador em relação às fontes digitais, da escolha de objetos de pesquisa em formato de mídias digitais oriundas da imprensa online.

2.1 O historiador e o espaço digital

Conforme os avanços em que os movimentos negacionistas e que buscam um deslocamento de autoridade do que se diz respeito à produção de conhecimento histórico buscam espaço e encontram adeptos no espaço digital, questiono ao leitor: qual seria o devido movimento em que o historiador deve possuir como reação à essas ações? Seria o espaço devido em que ele deve atuar? Deveria ele privar-se a fontes materiais, em um lugar seguro e assistir pela janela discursos de ódio e *fake news* utilizarem do passado para se promover?

A necessidade de o historiador adentrar ao ambiente digital não como um usuário, mas como um pesquisador que considera as problemáticas que diversos sites, blogs e redes sociais que se mascaram como legítima provedora de “veracidade” torna-se cada vez maior. A volatilidade das fontes digitais e as mais diversas narrativas que conflituam entre si apresentam não só a sociedade digital, mas o cotidiano como um todo, as relações de poder entre os sujeitos e os processos políticos que acelerados, repercutem em dimensão global.

A partir disso, é válido tecer algumas experiências de nossa atuação junto ao Portal Clio HD e da aproximação com a História Digital, caracterizada por Giliard da Silva Prado (2021) primordialmente em função do caráter digital do objeto de estudo, assim como, “a onipresença do historiador nos meios digitais” (p. 8).

No período de vigência da bolsa de pesquisa, realizamos debates acerca do papel do historiador frente as novas fontes e seus aportes. Autores como Roy Rosenzweig, Daniel Cohen, Giliard Prado, Danielle Lacerda, Steve Brier, Pedro Telles da Silveira, dentre outros, tiveram suas produções discutidas também no espaço do grupo HEDUCA. Essas leituras foram primordiais para o afinamento de metodologias e considerações em relação à construção do Portal Clio HD, beneficiando a todos que foram introduzidos aos novos desafios do ofício no ambiente digital.

Para Barros (2022), os historiadores devem desempenhar um papel mais incisivo nesse “novo” espaço que constantemente atualiza-se e produz fontes digitais que necessitam de metodologias adaptadas de acordo com sua formatação. A capacidade de criticidade destes profissionais torna-se necessária no mundo atual *“onde as massas por vezes manipuladas pelas mídias parecem não ser movidas a desenvolver uma capacidade maior de criticar o que lhes é exposto diariamente através dos jornais, TV e Internet”* (BARROS, 2022, p. 90).

Esses materiais, também denominados como fontes digitais, tornaram-se importantes objetos de pesquisa para os pesquisadores da História do Tempo Presente. Caracterizadas pela ampla variedade encontrada no ambiente digital, elas podem ser identificadas por diversos formatos: dossiês, revistas digitais, e-books, vídeos, áudios, etc. No âmbito desta pesquisa, serão utilizadas as publicações veiculadas na imprensa online como fontes primárias de análise e

investigação. Segundo Fábio Chang de Almeida (2022) podemos considerar como um “documento digital” aquele inserido em um sistema de dígitos binários, podendo ser considerado um documento primário – exclusivo ou digitalizado – ou não primário – como representação digital de documentos físicos.

Segundo Arnaldo Martin Szlachta Junior e Márcia Teté Ramos (2021) Arnaldo Martin Szlachta Junior e Márcia Teté Ramos (2021), vivemos em uma tecnosfera que integra de forma orgânica as estruturas que moldam nossa vida social, política, econômica e cultural (p.18). Esta tecnosfera exerce uma influência profundamente intrincada sobre a maneira como produzimos e consumimos informações em cada estágio de desenvolvimento da internet. Isso nos leva a considerar cuidadosamente as formas de produção de conteúdo histórico, uma vez que as informações contidas neste espaço virtual têm um impacto significativo não apenas na historiografia, mas também em diversas outras áreas de ensino.

De modo a considerar a influência da tecnosfera nos meios de comunicação, é fundamental destacar a relevância da imprensa brasileira, que, mesmo diante de inúmeros ataques à sua liberdade, documentou situações que reverberaram a nível internacional, evidenciando as incongruências presentes no discurso conservador em relação à veracidade dos fatos. Esses registros tornaram-se valiosos para o trabalho do historiador e para a historiografia digital. Através deles, podemos acessar as fontes de forma mais conveniente, além de utilizar os filtros dos mecanismos de pesquisa, como o Google, Bing, entre outros, para restringir a pesquisa no período correspondente ao mandato de Jair Bolsonaro (2019-2022).

A seleção de fontes digitais no formato de matérias jornalísticas é influenciada pela evolução em sua formatação ocorrida durante essa “virada digital”. Além disso, é importante considerar a hospedagem e a efemeridade do conteúdo, uma vez que este pode ser alterado em questão de segundos. No entanto, é notável que essas fontes ainda possuem grande relevância para o trabalho do historiador, pois podem oferecer valiosas informações mesmo diante desses desafios. Mesmo que o formato em que esses materiais se alteraram com o advento da internet, presença da expressão do período em que o produz ainda se mantém, “o uso dos jornais como fontes históricas pressupõe a possibilidade de compreender, *através deles*, não apenas a História da

Imprensa, mas uma multiplicidade de aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, materiais e imaginários (BARROS, 2022, p. 91).

É de suma relevância promover uma análise crítica sobre os jornais escolhidos para a condução deste estudo. A seleção desses veículos está intrinsecamente ligada ao reconhecimento de que esses jornais, enquanto meio de comunicação amplamente disseminado na sociedade, têm uma tendência intrínseca à representação do pensamento hegemônico. Portanto, será realizado um breve levantamento acerca de trabalhos que discutem a respeito da relação entre Jair Bolsonaro e a imprensa brasileira durante seu mandato, assim como, a postura dela em relação aos casos de negacionismo.

A trajetória da relação de Jair Bolsonaro e o jornalismo brasileiro durante seu mandato foi extremamente conflituosa, necessitando que medidas fossem tomadas acerca do amparo em instituições que mantivessem o direito descrito na Constituição Brasileira de liberdade de expressão. Na produção de Francisca Marques (2021) podemos compreender o desenrolar das divergências como:

(...) à medida que os ataques aos jornalistas foram se tornando uma constante no discurso do presidente, mais a defesa dos meios de comunicação, do Estado democrático de direito e da liberdade de expressão foram se intensificando em instituições que protegem a democracia no país como o Supremo Tribunal Federal (STF), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e o Senado Federal (MARQUES, 2021, p. 11)

Marcos Tolentino caracterizou como parte da postura do ex-presidente à imprensa brasileira como:

No geral o discurso presidencial de Jair Bolsonaro sobre a Imprensa parte de uma posição de antagonismo acentuado, e isso vem chamando a atenção de especialistas e comunicadores em geral, pelo tom hostil e de frequente embate. (TOLENTINO, 2019, p. 69)

Segundo o autor, essa postura é dada através das movimentações políticas que ocorreram em âmbito internacional:

A postura combativa do Presidente contra a imprensa profissional no atual momento histórico em que vivemos traz algumas características novas que pegam carona com o novo movimento global de extrema

direita do século XXI (...) A posição de antagonismo diante da imprensa adotada pelo Presidente Bolsonaro, e seu governo, se estende a outras instituições como a Universidades Públicas, ONGs, a classe artística e et (TOLENTINO, 2019, p. 66)

Diante do contexto em que se instaurava o conflito político, é de demasiada importância relatar que acerca da postura em que os veículos de imprensa selecionados para posterior análise, mantiveram postura firme quanto às declarações de conteúdo historicamente negacionista. Objetivou-se a seleção de materiais que logo após as primeiras falas, registraram em forma de repercussão o pensamento que o ex-presidente possui em relação ao nazismo e ao holocausto, além de, ter atuado ativamente e incisivamente no lançamento de outras perspectivas que contrapusessem às falácias do político.

2.2 Os discursos negacionistas do governo de Jair Bolsonaro nas fontes digitais

Considerando o tratamento com as fontes através do processo de coleta, categorização e classificação, o presente tópico se baseia na metodologia da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1997; FRANCO, 2005) e nos aportes referências da História Digital (BARROS, 2022; ALMEIDA, 2022; PRADO, 2021).

A Análise de Conteúdo é uma metodologia que tem por objetivo a categorização e classificação de diversos tipos de conteúdo, simplificando suas características essenciais para torná-las comparáveis a uma série de outros elementos. Segundo Laurence Bardin (1997):

A análise de conteúdo pode ser considerada um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens...A intenção da análise de conteúdo é a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre à indicadores (quantitativos, ou não) (BARDIN, 1997, p.38 apud FRANCO, 2005, p.20) .

Nesse sentido, foram coletadas 16 matérias dos principais veículos da imprensa online e, por meio da análise de seu conteúdo, essas publicações foram sistematizadas e categorizadas em três eixos: **“Nazismo de esquerda”**; **“Usos abusivos do passado”** e **“Aproximações com a ideologia nazista”**.

Segue, abaixo, a definição da primeira categorização e a tabela demonstrativa das fontes analisadas:

- a) **“Nazismo de esquerda”**: fontes que registraram declarações acerca da definição do nazismo como ideologia inserida no espectro político à esquerda e a equiparação ao comunismo.

Tabela 1 - Fontes relativas ao nazismo de esquerda

TÍTULO DA MATÉRIA	ORIGEM	DATA
Bolsonaro defende discurso sobre Ustra e ‘nazismo de esquerda’ no último dia em Israel	BBC NEWS BRASIL	02/04/2019
Bolsonaro diz não ter ‘dúvida’ de que nazismo era de esquerda	G1	02/04/2019
Não há dúvida de que nazismo foi movimento de esquerda, diz Bolsonaro em Israel	O GLOBO	02/04/2019
Bolsonaro repudia nazismo e pede que o mesmo seja feito com o comunismo	UOL	09/02/2022
Bolsonaro diz que ideologia nazista deve ser “repudiada de forma permanente”	CNN NEWS BRASIL	09/02/2022
Bolsonaro diz repudiar nazismo, mas cita comunismo como ideologia a ser combatida	ESTADÃO	09/02/2022

Fonte: da autora (2023)

As fontes coletadas e identificadas por meio de seu conteúdo como registros do deslocamento da ideologia nazista em direção ao espectro da esquerda estão situadas em dois contextos específicos do mandato de Jair Bolsonaro a saber: o primeiro ano (2019) e o último ano (2022).

A afirmação de Jair Bolsonaro de que o “nazismo é de esquerda” condizia com as declarações de seu chanceler e ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, que foram dadas ao canal da Brasil Paralelo. Ambas as falas repercutiram amplamente no Brasil e no exterior, principalmente no Yad Vashem, o Museu do Holocausto em Jerusalém, que naquele momento havia recebido a visita do referido presidente brasileiro.

Em seu retorno ao Brasil, o ex-presidente cumpria a sua agenda de eventos com seus aliados, no qual reportava o sucesso do estreitamento de novas relações diplomáticas. No entanto, em um dos jantares com um grupo de evangélicos no Rio de Janeiro, a fala do presidente novamente ganhou ecos ao ferir diretamente às vítimas do Holocausto, conforme mostra a publicação no Portal G1:

“Fui, mais uma vez, no Museu do Holocausto...nós podemos perdoar, mas não podemos esquecer...e essa frase é minha. Quem esquece seu passado, está condenado a não ter futuro, se não queremos repetir a história que não foi boa, vamos evitar com ações e com atos pra que ela realmente não se repita daquela forma”¹⁶

Vale ressaltar que a expressão “*podemos perdoar*” considera o perdão aos crimes dos nazistas à população judaica que resultou na morte de aproximadamente 6 milhões de judeus, em uma tentativa de extermínio total da população.

Para continuar a análise e promover reflexões adicionais sobre o abuso do passado e as associações do governo com a ideologia nazista, é relevante destacar a manifestação do adversário de Bolsonaro nas urnas, Fernando Haddad. Haddad reagiu imediatamente à declaração de “perdão” ao Holocausto do ex-presidente, apontando a seletividade desse discurso. Ele ressaltou como Bolsonaro, em determinados momentos, buscou desvincular a extrema-direita da história sombria do Partido Nazista e deslocou essa associação para a esquerda, enquanto em outras ocasiões manteve uma postura favorável à amistosidade com tal ideologia. *Se no nazismo fosse de esquerda, Bolsonaro não teria perdoado o Holocausto* (HADDAD via Twitter, 2019). Essa contradição

¹⁶ ENTREVISTA: O movimento neonazista no Brasil e a ligação com Bolsonaro | CAMA DE GATO. Intercept Brasil. Youtube. 28 de jul. 2021. 1h 08min32s. Disponível em: <https://youtu.be/lxyuoqauzns?si=tOLxpRs9a6E1ll7e> Acesso em: 20/09/2023

merece uma análise mais aprofundada para compreender as estratégias políticas e retóricas em jogo.

A análise da diversidade de fontes relacionadas à Segunda Guerra Mundial é essencial, indo além dos relatos das vítimas. Neste contexto, é fundamental destacar a importância das fotografias que documentaram manifestações contra as atrocidades cometidas durante o regime hitlerista. Através da imagem abaixo, podemos discernir que os comunistas e os judeus eram equiparados como alvos da perseguição nazista. Isso ilustra de forma contundente como diferentes grupos foram igualmente afetados pela opressão nazista.

Figura 1 - Um judeu, em Budapeste, ao lado de um cartaz de propaganda onde os judeus são comparados aos comunistas, em 1944



Fonte: (Yad Vashem, 1995)

O museu que Jair Bolsonaro visitou dispõe de um extenso acervo digital¹⁷ de fontes relacionadas ao período em questão. Esse acervo inclui uma ampla variedade de recursos, como imagens, depoimentos, documentos oficiais e

¹⁷ Yad Vashem – Centro Mundial em Memória do Holocausto. Acesse em: <https://www.yadvashem.org>

diversos outros tipos de registros. Tais fontes são essenciais para corroborar a afirmação de que as declarações identificadas carecem completamente de fundamento histórico, de maneira que negligenciam evidências históricas.

Logo no primeiro ano de seu mandato, tornam-se evidentes tentativas que perduraram durante todo o seu período no cargo, que foi desassociar a extrema-direita da ideologia nazista e realocá-la na esquerda. Ernesto de Araújo desempenhou um papel extremamente ativo nesse esforço negacionista e revisionista, visto que sua retórica incorporou características identificadas ainda no século XX, nas primeiras manifestações desse viés ideológico.

Em trecho de uma das respectivas fontes, podemos identificar a fala de Ernesto Araújo que inicialmente argumenta “*acho que é importante que as pessoas discutam o que é o conteúdo de diferentes movimentos totalitários e ver o que eles têm em comum*” (Ernesto Araújo, BBC, 2019) propondo uma revisão do passado e explicitando seu descrédito às instituições acadêmicas que estabelecem no conhecimento histórico que o nazismo é fruto da extrema-direita e em sequência, mostra sua real intenção (nada neutra) de rejeitar esse consenso e buscar limpar a imagem do ideal político ao qual se insere, “*vítima*” de uma associação indevida usada para “*denegrir movimentos que são considerados de direita que não têm nada a ver com o nazismo*” (ARAUJO, BBC, 2019).

Jair Bolsonaro, ao deparar-se com o questionamento acerca das declarações de seu ministro e da falta de um embasamento científico, apela para o senso comum em relação à nomenclatura “*Não há dúvida, não é? Partido Socialista, como é que é? Da Alemanha. Partido Nacional Socialista da Alemanha*” (Bolsonaro, G1, 02/04/2019) e contrapondo o próprio aliado, que buscava justamente ir além de “*definições superficiais*”. O passado é evocado, no entanto, a preocupação de quem o utiliza como argumentação de

(...) que o nazismo foi um regime de esquerda, por exemplo, não tem nenhuma intenção em se basear num processo de estudo metódico, rigoroso e que busca o debate e a aceitação entre os pares, numa perspectiva humanista e historiográfica. Seu discurso não tem embasamento em nenhuma discussão documentada e produzida por autores sérios e reconhecidos (STEFFENS, 2020, p.36 apud BONETE; MANKE, 2023, p.114)

O último ano do governo de Jair Bolsonaro (2022), além da contínua equiparação do nazismo ao comunismo, foi marcado pela frequentemente evocação da chamada “liberdade de expressão”. Um caso que gerou polêmica na mídia foi o de Monark e a defesa da legalização de um partido nazista no Brasil, no episódio 545 do canal *Flow Podcast*¹⁸.

Assim como a própria argumentação do polêmico podcaster visto a existência do partido comunista no Brasil, Jair Bolsonaro ao repudiar essa fala também não se desvencilha da crítica ao movimento no Brasil:

A ideologia nazista deve ser repudiada de forma irrestrita e permanente, sem ressalvas que permitam seu florescimento, assim como toda e QUALQUER ideologia totalitária que coloque em risco os direitos fundamentais dos povos e dos indivíduos, como o direito à vida e à liberdade (BOLSONARO, Estadão, 2022).

Através da publicação de nota de repúdio, sem citar diretamente, podemos compreender a partir da característica crua da doutrina comunista pela expressão de “luta de classes” que ela também é o alvo daquele discurso, como se encaixasse na mesma categoria.

Lisiane Manke e Wilian Bonete (2023) abordam, em recente artigo, a produção e repercussão de ambos os discursos, analisando os comentários de internautas em vídeos que apresentam trechos das falas de Monark. Eles problematizam como a disseminação desse ideal, aparentemente vinculado à liberdade de expressão (mas muitas vezes irresponsável), carece de uma preocupação genuína em promover uma reflexão crítica sobre essas tentativas de revisionismos históricos, pois:

(...) a circulação de noções de senso comum a respeito das temáticas sensíveis da História pode ser considerada como preocupante para o processo de formação da consciência histórica dos sujeitos em sociedade” (MANKE, BONETE, 2023, p.104).

Napolitano (2021), ao abordar as declarações de Jair Bolsonaro acerca do passado escravista no Brasil, designa essa e outras falas semelhantes como

¹⁸ A situação mencionada, refere-se à declaração de Bruno Aiub, mais conhecido como Monark, em conversa acerca da liberdade de expressão com os deputados Kim Kataguirí e Tabata Amaral. O podcaster defendeu a legalização de um partido nazista no país como forma da liberdade de expressão, “tudo ou nada”. (BONETE, MANKE, 2023).

parte de uma estratégia de argumentação em que visa distorcer o passado em detrimento demandas conservadoras atuais, atuando em dupla distorção: a primeira utilizando da falácia pura e a segunda da apropriação indevida do conhecimento através da incompleta informação.

Segue, abaixo, a definição da segunda categorização e a tabela demonstrativa das fontes analisadas:

- b) **“Usos abusivos do passado”**: fontes que registraram analogias irresponsáveis ao Holocausto ou aos seus culpados, ferindo à memória das vítimas em prol de movimentações políticas atuais.

Tabela 2 - Fontes que possuem expressões de abuso do passado

TÍTULO DA MATÉRIA	ORIGEM	DATA
Associação judaica dos EUA exige que Araújo se desculpe por comparar isolamento social a campos de concentração nazistas	O GLOBO	29/04/2020
Após falar em 'Noite dos Cristais brasileira' Weintraub volta a comparar operação da PF e nazismo	ESTADÃO	28/05/2020
Hospital Albert Einstein afasta média defensora da cloroquina após declaração sobre nazismo	G1	11/07/2020
Eduardo Bolsonaro compara movimento Black Lives Matter a nazismo	Estado de Minas	28/07/2020
Flávio Bolsonaro e Mario Frias postam analogia entre isolamento e Holocausto nas redes sociais; entidade judaica reage	O GLOBO	12/03/2021

Fonte: da autora (2023)

A formação do governo de Jair Bolsonaro tinha como objetivo principal a nomeação de indivíduos com afinidades políticas alinhadas às suas próprias, e essa intenção foi efetivamente realizada, resultando em uma harmonia ideológica. A seleção das fontes na categoria "**Usos abusivos do passado**" foi orientada pela busca de materiais que mostrassem figuras que compartilhavam padrões de comportamento semelhantes aos do ex-presidente, ou seja, colegas de trabalho que em algum momento haviam explorado de forma irresponsável eventos do passado com um viés ideológico.

Além do negacionismo científico que permeou todo o período da pandemia de Covid-19, ocorreram interpretações inadequadas de eventos históricos, abrindo espaço para a identificação de traços característicos do revisionismo ideológico (NAPOLITANO, 2021).

A estratégia de empregar anacronismos para desacreditar movimentos contrários ao conservadorismo foi uma constante nos discursos de seus apoiadores durante um período considerável. Como parte da caracterização do uso ideológico do revisionismo, a defesa de temas polêmicos estava presente nas ações dos membros do governo.

Em três momentos específicos, surgem comparações totalmente infundadas, o primeiro: a utilização do termo "Noite dos Cristais" para descrever ações policiais contra partidários de Bolsonaro envolvidos no inquérito das *fake news*, com o intuito de retratar o eleitorado de Jair Bolsonaro como vítimas da ação policial intensificada nesses casos.

Essa estratégia de equiparar ações policiais legais a eventos históricos terríveis, como a "Noite dos Cristais", pode ser interpretada como uma tentativa de manipular a opinião pública e gerar simpatia em relação aos bolsonaristas envolvidos. Isso também evidencia como o governo Bolsonaro frequentemente recorreu a narrativas distorcidas ou anacrônicas para fundamentar suas posições políticas e ideológicas. É crucial analisar essas estratégias de comunicação de forma crítica para compreender o contexto político da época e suas implicações para a sociedade.

O segundo momento remonta à utilização dos campos de concentração como comparativo às medidas de proteção à covid-19, algo que na época de maior incidência de casos no país se mostrou eficaz, visto que o uso da máscara

e o distanciamento social impediu o ceifar de vidas que por muitos momentos foi minimizado pelo próprio presidente.

A estratégia de utilizar o termo dos campos de concentração à essas medidas mostravam um profundo desrespeito às vítimas do Holocausto e uma falta de compreensão das medidas de saúde pública necessárias para conter a propagação da COVID-19. Comparar o uso de máscaras e o distanciamento social, medidas recomendadas pela ciência para salvar vidas, aos horrores dos campos de concentração nazistas é um exemplo vívido de como a história pode ser distorcida e mal utilizada por interesses políticos.

A comparação inadequada com eventos históricos sensíveis não apenas distorceu a realidade para, mas também levar à desinformação e ao enfraquecimento dos esforços coletivos para controlar a disseminação do vírus. Vale ressaltar que no período em questão, muitas pessoas aderiram ao discurso negacionista científico de Jair Bolsonaro e seus aliados, assim como, as medidas “alternativas” de prevenção ou até mesmo a negação total do vírus.

No contexto da pandemia da COVID-19, ¹⁹o negacionismo histórico frequentemente se entrelaçou com o negacionismo científico. Isso não só coloca em risco a saúde pública, mas também reflete uma tendência preocupante de rejeição dos fatos e evidências científicas em favor de narrativas ideológicas de “vachina” ou de “virar jacaré”.

Por último, deve-se considerar a comparação fotográfica entre a recusa à saudação romana (parte da idolatria nazista à Hitler) e à homenagem ao movimento *Black Lives Matter*²⁰. Nesse caso, a equiparação feita por Eduardo Bolsonaro (filho do ex-presidente) de um jogador de beisebol que se recusou a apoiar o movimento à um alemão que se recusou a saudar Hitler. A desvirtuação tanto o movimento social quanto a história do nazismo, ignoram as diferenças fundamentais entre os dois contextos, além de negar a validade do movimento em busca da igualdade racial e a importância de enfrentar a injustiça racial.

¹⁹ Uma pandemia como a da Covid-19 pode ser descrita como uma epidemia em escala global no qual há o alto risco de contaminação de algum vírus ou doença infecciosa, podendo afetar drasticamente na grande parte da população.

²⁰ O movimento *Black Lives Matter* é um movimento social, originado nos Estados Unidos em e que ganhou destaque internacional nos eventos de Charlottesville (2017) e no assassinato de George Floyd (2020), denunciando a discriminação racial sistêmica através da violência policial.

Essa situação demonstrou o descompromisso com as pastas das minorias, que além de incluírem as questões raciais, também incluíram questões indígenas, do movimento LGBTQIA+ entre outros. O uso abusivo do passado ocorreu de forma a desqualificar situações que não representassem interesses dos sujeitos inseridos no governo, majoritariamente brancos, de valores conservadores e de direita.

Segue, abaixo, a definição da terceira categorização e a tabela demonstrativa das fontes analisadas:

- c) **Aproximações com a ideologia nazista:** fontes que registraram possíveis aproximações com a ideologia nazista, movimentos de extrema-direita e supremacistas atuais.

Tabela 3 - Fontes que apresentam aproximações com a ideologia nazista

TÍTULO DA MATÉRIA	ORIGEM	DATA
Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido	EL PAÍS BRASIL	17/01/2020
Eduardo Bolsonaro diz que comunismo é pior que nazismo	Congresso em foco	18/01/2020
Felipe Martins, assessor de Bolsonaro, vira réu por racismo após gesto supremacista	Brasil de Fato	23/06/2021
Beatrix von Storch: quem é a líder da extrema-direita alemã que se reuniu com Bolsonaro	BBC NEWS BRASIL	26/07/2021
Regina Duarte incentiva marcação de comércios	CartaCapital	14.11.2022

petistas, tática usada no nazismo		
-----------------------------------	--	--

Fonte: da autora (2023)

É cada vez mais perceptível que ascensão das novas direitas oportunizaram a potencialização dos movimentos extremistas de direita, como o neonazismo e em solo brasileiro. Em conteúdo publicado pela Revista Veja, no mês de novembro de 2022, a multiplicação de células com ideologias nazistas foi possível através de quatro fatores: a eleição de Jair Bolsonaro; Legislação; Histórico do país e ao Contexto Mundial.

A figura de Jair Bolsonaro como líder político significou a presença de simbologias, personagens e declarações no mínimo, incondizentes, com a postura constante de desvinculamento do passado da extrema-direita. A partir das fontes selecionadas, foi possível analisar e identificar as características negacionistas, assim como, questões problemáticas quanto às aproximações dos movimentos neonazistas e supremacistas atuais.

Apesar do recorte temporal e delimitação quanto ao formato das fontes digitais selecionadas para a presente pesquisa, é necessário compreendermos que a relação do bolsonarismo (tanto da figura do ex-presidente quanto seus apoiadores) com movimentos de extrema-direita não se faz presente apenas durante seu mandato. A antropóloga Adriana Dias²¹, que se dedicou por aproximadamente 20 anos à pesquisa e mapeamento quanto aos sites de conteúdo neonazista no Brasil e em outros países, em entrevista ao *Intercept* em 2021, revela ter encontrado uma carta que liga diretamente Bolsonaro (enquanto deputado) à sites administrados por células supremacistas.

A carta datada no ano de 2004, e encontrada pela pesquisadora, comprova as suposições e questionamentos que tiveram sua origem ainda no período em que o político exercia sua função como deputado. Conforme matéria do Intercept:

“O material é uma prova irrefutável do apoio de neonazistas brasileiros a Bolsonaro quando o hoje presidente da República era apenas um

²¹ Adriana Dias foi uma antropóloga com destaque nacional em sua pesquisa acerca de neonazistas na internet. Sua pesquisa permitiu identificar simbologias e representações discursivas além das conhecidas como parte da identitária racista.

barulhento e improdutivo deputado. A base bolsonarista é, há quase duas décadas, composta por neonazistas” (INTERCEPT, 2021).

O conteúdo da carta contém felicitações às festas de final de ano, mas o que choca (e é prova irrefutável da ligação e da consciência de Jair Bolsonaro) é a atribuição da continuidade de seu trabalho aos internautas do site neonazista *Econac* (agora extinto).

Figura 2 - Carta assinada por Jair Bolsonaro, em 2004, publicada pelo site neonazista Econac



Fonte: Intercept Brasil, 2021.

O trabalho de Adriana Dias foi extremamente enriquecedor ao conhecimento histórico e outras áreas de estudo, através do seu mapeamento em sites e fóruns supremacistas foi possível compreender que esses indivíduos utilizavam “*símbolos neonazistas menos conhecidos para escapar da punibilidade de lei*”²² Através de sua dissertação de mestrado, foi possível compreender que símbolos como: Cruz de Malta, Representações de Odin

²² Trata-se de um trecho da entrevista de Adriana Dias ao Intercept Brasil. 06min à 06min20s. Disponível em: <https://youtu.be/lxyuoqauzns?si=tOLxpRs9a6E1II7e>.

(lobos, águias e corvos), Algiz, 88 e 14, faziam parte da construção gráfica desses sites:

Nota-se, ainda, uma presença quase onipresente em todos os fóruns, da importância da simbologia: fala-se da bandeira (sem a cruz celta, meio batida), da necessidade de buscar novos símbolos que representem o movimento e seus ideais (DIAS, 2007, p. 41-42)

A produção de sua dissertação confere o estudo de grupos neonazistas da primeira década do século XXI, hoje, após 16 anos depois de sua publicação, poderiam ter explorado outros símbolos capazes de não serem identificados prontamente? Seria necessária a exploração desses símbolos para representar a ideologia ali? O quão nocivo seria a adoção de ações e representações da ideologia nazista?

Roberto Alvim, ex-ministro da cultura de Jair Bolsonaro, foi figura importante no quesito adoção de representações ou melhor, como apontado por ele mesmo “coincidência retórica” (EL PAIS, 2021). No presente momento Alvim toma como referência não apenas o discurso de Joseph Goebbels, mas toda a estética, seus signos e propaganda nazista.

A partir do comparativo dos discursos é explícita a inspiração de Roberto Alvim quanto aos objetivos culturais inseridos na fala de Joseph Goebbels:

“A arte alemã da próxima década será heroica, será ferrenhamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa (...) ou então não será nada”, Roberto Alvim se utiliza da mesmo de forma injustificável “A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa [...] ou então não será nada” (El País, 2021)

Figura 3 - Pronunciamento de Roberto Alvim



Fonte: El País (2020)

Figura 4 - Fotografia do ministro da Propaganda Nazista, Joseph Goebbels



Fonte: Folha (2021)

As situações que ocorreram durante o mandato de Jair Bolsonaro, incluindo a polêmica envolvendo o então ministro da cultura, foram, em vários momentos, extremamente confusas e questionáveis. A associação do nazismo à esquerda, frequentemente apontada, e a equiparação desse regime, presente nas declarações de membros do governo, revelaram-se próximas, tanto em ações, quanto em palavras.

Outro caso que gerou polêmica foi a gesticulação feita pelo então assessor de Jair Bolsonaro, Filipe Martins²³, no ano de 2021 em sessão no senado federal.

Figura 5 – Assessor da presidência faz gesto com a mão durante sessão no Senado



Fonte: G1 (2021)

O gesto é identificado como parte de uma das simbologias de movimentos supremacistas “já que a mão posicionada desse jeito forma as letras WP (“white power”, ou poder branco) (G1, 2021). O ato foi justificado como um “engano” e novamente retoma uma tentativa “infundada” da oposição ao governo quanto à acusação de possível vínculo à grupos supremacistas.

No entanto, houveram outras situações acerca da amistosidade com tais ideais que não puderam ser justificadas como engano, já que poderia se visualizar explicitamente a problemática delas. A aproximação à ideologia e movimentos supremacistas se mostrou ainda mais amistosa com a aliança à Beatrix von Storch²⁴, neta do ex-ministro de Finanças do Reich, Lutz Schwerin von Krosigk, conhecida no parlamento alemão por fomentar a xenofobia e revisitação à conceitos utilizados pelo Reich.

Acerca das demais fontes, pôde-se identificar algumas semelhanças entre o discurso bolsonarista ao do período hitlerista, como por exemplo, o fomento à perseguição e marcação de comércios da oposição pela sucessora de Roberto

²³ O histórico polêmico do ex-assessor olavista de Bolsonaro não se restringiu somente a este caso, a existência de registros acerca de seus antigos tweets apresentam outras diversas menções à símbolos supremacistas.

²⁴ Beatrix Von Storch além de ser neta do ex-ministro de finanças do *Reich* é uma deputada alemã que possui um histórico de declarações polêmicas e de cunho xenofóbico. Assim como Jair Bolsonaro, Beatrix também se mostra contrária à movimentos sociais, como o *Black Lives Matter*.

Alvim, Regina Duarte e a demonização da ideologia comunista, de forma a minimizar a social-alemã quando comparadas.

A análise das fontes pertencentes à respectiva categoria remonta a semelhanças que não podem ser negadas como evidências. Além desses materiais, vale ressaltar que outros aspectos característicos como a propaganda e até mesmo o *slogan*, e mais recentemente, a saudação romana em uma das manifestações bolsonaristas após a derrota pelo atual presidente Luís Inácio Lula da Silva, não podem ser tomadas como resultados de mero acaso. Intencionalidades existem e se mostraram presentes, utilizando-se novamente de características do passado (por mais que negadas) em detrimento de objetivos atuais, cujas origens estão na ideologia nazista.

CAPÍTULO 3 – ECOS DO NEGACIONISMO

Nesse último capítulo, o objetivo é discorrer acerca da influência e consequências dos discursos que cercaram o debate acerca do nazismo e o Holocausto. As reflexões estão divididas em momentos distintos. A primeira parte é destinada a analisar um artigo da empresa Brasil Paralelo que caracteriza o nazismo, buscando identificar os possíveis fatores revisionistas ou negacionistas e de deslocamento de responsabilidade quanto ao passado da extrema-direita. Também será apresentada algumas reflexões quanto às estratégias de desacreditar, pela referida empresa, o conhecimento histórico produzido pela academia e pelas escolas. A segunda parte tem como objetivo abordar as possibilidades de intervenção dos professores-historiadores no ensino de história, destacando autores já mencionados e referenciados anteriormente neste trabalho.

3.1 O nazismo na perspectiva da produtora Brasil Paralelo

Compreende-se a necessidade de apresentar algumas questões que cercam a Brasil Paralelo²⁵ enquanto produtora de conteúdo midiático e histórico. Com base em informações de seu próprio site, mais especificamente, na aba “Sobre Nós”, podemos destacar três pontos relevantes que caracterizam a empresa.

Ao clicar na respectiva aba para compreender a história da produtora, nos deparamos com a questão norteadora do seu trabalho, sua “missão”, compreendidas como “resgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”. A produtora de conteúdo multimídia possui materiais como documentários (que alimentam seu próprio streaming e canal), artigos (inseridos em seu site) e podcasts, que condizem com seus valores morais como: Verdade, Liberdade, Arte, Ambição, Meritocracia, União, Diplomacia.

²⁵ A produtora audiovisual Brasil Paralelo é uma empresa ligada às novas direitas brasileiras, fundada em 2016, no contexto da crise democrática pós-2013 (OLIVEIRA, 2021), com uma iniciativa cujo objetivo é participar da articulação do que Filipe Valerim, sócio e apresentador dos filmes, chamou de uma “reforma cultural”, isto é, um projeto que visa combater uma alegada hegemonia de esquerda nos meios culturais do país.

Como forma de apresentar suas façanhas enquanto produtores, a Brasil Paralelo insere em suas informações suas obras de maior destaque e repercussão, esses atributos são dados em relação ao seu conteúdo apresentar características revisionistas e narrativas advindas da pós-verdade. Destaco aqui duas polêmicas obras: a “Brasil: A Última Cruzada”, descrita pela empresa como “o maior resgate histórico” produzido no Brasil e “1964: O Brasil Entre Armas e Livros”, suposta vítima de censura por conta das descobertas documentais²⁶ acerca dos soviéticos.

Suas obras são carregadas de seus valores e intenções, mais especificamente, buscam apresentar versões ocultas da história do país. No entanto, compreendemos que a pesquisa acerca da História do Brasil é constante, a divulgação de produções que contém a temática estão sempre presentes em eventos acadêmicos e nas próprias salas de aula da educação básica, como se oculta versões dessa história? Para Bruno Picoli, Vanessa Chitolina e Roberta Guimarães (2020) fica evidente o caráter revisionista nas produções, a destacar a reivindicação pela “verdadeira cultura”

A dimensão anti-intelectual de culto no discurso da empresa fica evidente quando termos como “missão” e “antídoto” são utilizados nas entrevistas e nas produções audiovisuais na denúncia à presumida perversão ideológica da mídia e da Escola. Segundo essa narrativa, todos os educadores e comunicadores escondem a verdade da população porque estão arregimentados em um suposto projeto de dominação mundial de esquerda (CARVALHO; ROVIDA, 2018). A estratégia discursiva é simples, mas eficiente: considera ideológico o que é científico e científico o que é ideológico (...) (PICOLI; CHITOLINA; GUIMARÃES, 2020, p.11)

Tendo em vista os aspectos observados, ao analisar especificamente o artigo “*Conheça as principais características do Nazismo — o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães*”²⁷ escrito pela redação da Brasil Paralelo, podemos identificar e retomar algumas características do revisionismo e negacionismo histórico atual. Destacaremos as 6 (seis) características da

²⁶ Na verdade, a “descoberta” documental trata-se apenas de uma referência das obras de um dos depoentes, acerca da presença de espões soviéticos no país. A referência é apresentada dessa forma pois a empresa utiliza de chamadas sensacionalistas ou chamativas em seu marketing como forma de captura de telespectadores e internautas.

²⁷ O texto está disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/principais-caracteristicas-do-nazismo>

ideologia descritas pela redação: Estado com poder absoluto; Proibição da liberdade de expressão; Eugenia e Antissemitismo; Nacionalismo; Proibição do livre mercado e Tentativa de retomar o paganismo, em detrimento do Cristianismo.

A empresa costuma utilizar títulos chamativos e que já dão um pequeno spoiler acerca do que virá a ser apresentado, nesse caso, há a ênfase na nomenclatura Partido Nacional *Socialista* dos Trabalhadores Alemães e a partir do corpo do texto, podemos compreender que esse destaque não se dá a partir de uma preocupação acerca da problematização, há intencionalidades que poderemos observar na imagem a seguir:

Figura 6 - Trecho que enfatiza nomenclatura do partido nazista

1- Estado com poder absoluto

Hitler defendia um Estado com poderes ilimitados. O próprio nome do seu partido deixa isso claro: Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.

O socialismo é uma doutrina política de esquerda que defende um governo muito poderoso.

Essa doutrina entende que o Estado representa a vontade da população, de maneira que as ações do governo sempre representam o bem comum.

- Conheça o pensamento de Karl Marx, um dos principais ideólogos do socialismo.

O famoso livro de Hitler, *Mein Kampf (Minha Luta)*, detalha seu modo de pensar.

Em seu livro, Hitler demonstra aderir ao pensamento socialista.

Fonte: Brasil Paralelo (2023)

A retomada da nomenclatura completa busca, ao decorrer do texto, destacar que a palavra “Socialista” remete à uma doutrina de esquerda e a partir disso, caso haja alguma dúvida em relação à sua origem, a inserção do *Hiperlink* busca criar uma relação do revolucionário Karl Marx com a ideologia, isso se concretiza na frase “*Em seu livro, Hitler demonstra aderir ao pensamento socialista*”. Ainda no respectivo tópico, os colunistas buscam fazer relações entre antissemitismo e a luta de classes, através da tomada dos meios de produção, a fonte para tal relação é o curso “Ideologias Políticas: As Diferentes Correntes”

ministrado por um dos fundadores da Brasil Paralelo, explicitando a seletividade de fontes.

No segundo tópico “Proibição da liberdade de expressão” pôde-se observar a continua arbitrariedade em relação à academia, no qual a confusão é proposital e pode levar o leitor a compreender que intelectuais podem ter a tendência de ditar o que é válido ou não, o hiperlink que direciona ao documentário “Os donos da verdade” explicita o conflito de interesses e especulação quanto à liberdade de expressão, que frequentemente é confundida com “discurso de ódio”.

Figura 7 - Trecho que relaciona acadêmicos à censura no período hitlerista

O Ministério da Propaganda Nazista, dirigido pelo Dr. Joseph Goebbels, assumiu o controle de todos os meios de comunicação alemães: jornais, revistas, livros, exposições artísticas, músicas, filmes, rádio, reuniões públicas e comícios.

Segundo o site Enciclopédia do Holocausto:

“Durante a primavera de 1933, organizações estudantis, professores e bibliotecários nazistas elaboraram longas listas de livros que eles acreditavam serem impróprios para os alemães.

Tendo isso em mãos, na noite de 10 de maio de 1933, por toda a Alemanha, os nazistas invadiram bibliotecas e livrarias e levaram para as ruas os livros censurados.

Mais 25.000 livros foram queimados”.

- Entenda como a liberdade de expressão é atacada no Brasil através do documentário *Os Donos da Verdade*, da Brasil Paralelo.

Fonte: Brasil Paralelo (2023)

Na característica “Eugenia” percebe-se o conflito de interesses entre colonistas e o conteúdo, pois há a tentativa descabida de relação entre eugenia e feminismo, no qual busca-se afirmar da perspectiva conservadora o movimento como algo nocivo às mulheres e aos homens.

Em “Nacionalismo exacerbado” se traz à tona a questão do nacionalismo e patriotismo, buscando justificar as diferenças entre elas, deliberadamente intencional, visto que o sentimento patriota faz parte do conjunto de valores da

produtora. Novamente se retoma a questão do socialismo, buscando justificar o nacionalismo radical em torno da ideologia: *Uma das principais motivações deste nacionalismo era a ideia socialista de que os judeus e não arianos eram burgueses opressores do povo da Alemanha.*

Nos dois últimos tópicos “Proibição do livre mercado” e “Tentativa de retomar o paganismo, em detrimento do Cristianismo” se destacam características que definem o liberal-conservadorismo: política liberal e religião.

As produções da Brasil Paralelo buscam trazer “respostas rápidas” às questões atuais, mesmo que elas não compreendam um embasamento histórico e influencie na criticidade do internauta. Suas páginas assemelham-se às de cunho educacional, no entanto, apela para o conteúdo deturpado, que a confusão é proposital (a partir da vinculação dos hiperlinks) e seletividade de fontes é constante, havendo como base os próprios fundadores e especialistas alinhados ideologicamente:

Apesar do menosprezo da empresa pelas Universidades, parte dos entrevistados possuem passagem por elas, o que reforça o desejo de reconhecimento, de legitimação como produtores de um discurso histórico cientificamente fundamentado. Entretanto, a maior parte dos “especialistas” colaboradores denominam-se autodidatas, ou seja, não possuem trajetórias em espaços escolares e/ou universitários (PICOLI; CHITOLINA; GUIMARÃES, 2020, p.17)

A Brasil Paralelo não é a única que se propõe trazer a apresentar revisões, de cunho ideológicas (NAPOLITANO, 2021), da história. Nesse sentido, é válido apontar os estudos feitos por Odir Fontoura (2022) que investigou diferentes canais no *Youtube* que mantinham conteúdo histórico, no entanto, com diferentes abordagens e intenções. Inseridas na categoria “A história que os professores não contam” o autor destaca que

(...) trata-se de um movimento que se, por um lado, visa a fazer uma crítica à forma como os historiadores profissionais tem desempenhado seu ofício, por outro lado, não desqualificam a história totalmente. Ela continua sendo uma forma viável de conhecimento, mas que deveria ser revisitada (FONTOURA, 2022, p. 163)

Diante desse quadro aqui esboçado, é perceptível a necessidade da presença de professores como mediadores entre o conteúdo histórico

encontrado na internet e as salas de aulas de história. Mesmo que exista a tentativa de deslocamento ou apagamento da autoridade do professor, ele ainda é a principal figura na construção da consciência histórica de crianças, jovens e adultos em idade escolar. Podemos então perguntar: como se daria a atuação desses professores no espaço digital?

3.2 O ensino de história como alternativa para o negacionismos

Segundo Napolitano (2021), os professores e professoras são constantemente alvos de acusações como sendo “doutrinadores, esquerdistas e comunistas”. Não se trata de críticas, pois não visam o aprimoramento da atuação docente, mas sim, de um “cerceamento da atuação desse professor para impor, efetivamente, um discurso doutrinário em sinal contrário sobre o passado. Podemos poder citar o exemplo de um dos maiores (se não o maior) projeto de perseguição aos profissionais de educação, que hoje é política pública no estado de Santa Catarina, o Escola Sem Partido.

A lei Nº 18.637 que institui a Semana Escolar Estadual de Combate à Violência Institucional Contra a Criança e ao Adolescente sancionada em fevereiro de 2023 é na prática a Escola Sem Partido, sancionada a pedido da deputada Ana Campagnolo²⁸ (PL), figura polêmica que tem como produções, artigos na Brasil Paralelo.

Projetos como o Escola sem Partido conquistam maiores adeptos através de produções como as da deputada que se inserem no espaço virtual, o mesmo em que, pôde-se compreender as movimentações de apologia ao nazismo no estado e que não são punidos. O cerceamento é dirigido justamente ao ensino que é baseado na produção do conhecimento histórico vinculado à academia, inserindo esses sujeitos à um viés revisionista ideológico e defensores de narrativas potencialmente negacionistas.

Qual seria a melhor saída para ir de encontro ao debate e reação contra projetos e discursos revisionistas que já estão em voga? Como tratar a história, mais especificamente, temáticas relacionadas ao Nazismo e o Holocausto?

²⁸ Deputada estadual de Santa Catarina e professora de história, suas principais produções possuem conteúdo antifeminista e anticomunista.

Bauer (2021) identifica que os desafios como esses são legitimados ao alcance das narrativas – potencializadas pela era da pós-verdade- e que alguns fatores devem ser levados em consideração para a atuação de professores e historiadores no que diz respeito aos parâmetros éticos aos quais devemos nos atentar.

Considerando inicialmente que o espaço de aula tenha como mediador do conhecimento histórico o professor, deve-se fomentar o debate, mesmo que ele seja carregado de métodos revisionistas (do outro lado). Napolitano (2021), no entanto, atribui a “metametodologia” como antídoto a esses discursos em sala. O método deve ter em vista alguns fatores que se aproximem da historiografia acadêmica, como os processos de criticidade às fontes, de evidências e verificação das fontes (p.105)

Segundo Jörn Rüsen,

(...) todo pensamento histórico, em quaisquer de suas variantes – o que inclui a ciência da história –, é uma articulação da consciência histórica. A consciência histórica é a realidade a partir da qual se pode entender o que a história é, como ciência, e por que ela é necessária” (2001, p.56).

Diante disso, entendemos que a atuação docente deve considerar o conhecimento aprendido além da escola, seja ele produzido por profissionais da história ou não, mas entender que as diferentes formas de narrar coexistem com os mais diversos objetivos, inclusive com os de matriz negacionista e revisionista.

A partir disso, a compreensão de que as novas formas de narração da história requerem uma reação, é indispensável que os docentes e historiadores apropriem-se do espaço onde há maior circulação dessas ideias, a internet. D’Ancona (2018) aponta as preocupações do excesso, visto as problemáticas presentes “*A tendência de alguns professores de tratarem a internet como fonte de segunda categoria não percebe o sentido exato da questão. Para a geração de agora na escola, e aquelas que vão chegar, é a única fonte significativa*” (p. 101).

No entanto, quais seriam as alternativas de utilização de maneira responsável da tecnologia? É nítido que a própria atuação docente deve ser revista, por mais que grande maioria dos projetos curriculares de formação não

contemplem tal domínio. A atualização do profissional visto questões de abuso e negacionismo na internet deve ser presente, Bonete e Manke (2023) apontam a alfabetização midiática como reação à essas produções, visando a compreensão de sua criação.

A inserção do docente nesse espaço, além de ser necessária, deve manter-se ativa. A partir do processo de aperfeiçoamento, “ensinar a navegar na web com discernimento é a missão cultural mais urgente da nossa época” (D’Ancona, 2018, p.101) além de, priorizar um rigor historiográfico que oriente propostas mais efetivas e acessíveis aos alunos.

Compreender que a era da pós-verdade tem como produto o maior alcance das narrativas negacionistas e revisionistas, além de, utilizar das diversas macetas de legitimação desse conteúdo é a preocupação que deve nortear as ações do professor e historiador, assim como manter a disposição em discutir temáticas sensíveis e pesadas (BONETE, MANKE, 2023, p.116) fazendo uma história acessível e que faça sentido aos alunos.

As contribuições da História Pública se fazem mais que necessárias no período atual, no instante em que "permite que revisemos frequentemente nossas práticas e nossos princípios, em função do dinamismo das mudanças no campo e nas conjunturas" (BAUER, 2021, p.55). Portanto, promover o acesso à história de forma transparente, envolvente e crítica, tanto dentro quanto fora das salas de aula, torna-se fundamental para fortalecer a compreensão coletiva do passado e do presente, fornecendo uma base sólida para enfrentar desafios contemporâneos, como os discursos revisionistas e a disseminação de informações distorcidas na era digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento desse trabalho de pesquisa, pôde-se fazer um levantamento acerca do debate historiográfico acerca de temáticas relacionadas ao negacionismo e revisionismo na era da pós-verdade. Sua origem retoma ao período posterior à Segunda Guerra Mundial, no qual buscava-se descredibilizar o testemunho dos judeus acerca do holocausto como registrado na historiografia. Além disso, é evidente que o movimento que se originou na Europa e posteriormente, nos Estados Unidos, foi percussor de atuais grupos da extrema-direita que se alimentam do método ou das teorias possuem como sua característica o descredibilizar a ciência.

Frente a esses desafios, a figura do historiador-professor mostra-se de demasiada necessidade, a partir do momento em que esses grupos se utilizam dos espaços digitais para perpetuar e circular ideais negacionistas e revisionistas, resultando no constante aperfeiçoamento do seu ofício, enquanto historiador ou professor de história.

É evidente que o período do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) potencializou a expressão de grupos alinhados à extrema-direita, tais como os neonazistas. A utilização do passado nazista como inspiração em alguns aspectos não pode ser negada, assim como, aproximações e representações do bolsonarismo como expressão das novas direitas. O negacionismo histórico presente no discurso do ex-presidente e seus aliados possuem reverberação mesmo após o fim de seu mandato, isso ficou evidente através dos avanços do conservadorismo em relação à atuação docente, que ainda se mantém cerceada.

Esses grupos utilizam das diversas possibilidades que a internet pode prover, trazendo o caso da empresa Brasil Paralelo, é evidente que o professor e historiador deve possuir boa base historiográfica e utilizar-se das contribuições da História Pública, no intuito de fazer-se acessível quanto ao conteúdo ensinado, como forma de reação eficiente à um movimento que busca “*tentar livrar o espectro político da direita, ao qual é alinhado, da responsabilidade pelo peso negativo histórico e político do nazismo com todo o ônus de seu desastre*” (CAMPOS, WANDERLEY, 2022, p. 51).

Por fim, espera-se que esse trabalho seja uma contribuição para os estudos que abordam, através das mídias e fontes digitais, os negacionismos e revisionismos históricos, os usos sociais e políticos do passado e seus desdobramentos no ensino de história no tempo presente. Temos a clareza de que a cultura histórica e a cultura política estão em constante movimento, portanto, há um terreno fértil para a construção de futuras investigações.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Fábio Chang. Internet, fontes digitais e pesquisa histórica. In: BARROS, José d'Assunção (Org.). **História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Editora Vozes, 2022, p. 101-119.

BARROS, José D'Assunção (org.). **História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

BAUER, Caroline. Negacionismos históricos e os usos políticos do passado na contemporaneidade. In: BONETE, Wilian Junior; DANTAS, Jhonatan dos santos (orgs.) **Transformações sociais no mundo contemporâneo: entre olhares e reflexões**. Ananindeua: Cabana, 2021, p. 43-57

BONETE, Wilian Junior.; MANKE, Lisiane Sias. Sobre os sentidos e os efeitos do passado no presente: a presença da temática nazista em uma conversa no episódio 545 do programa Flow Podcast. **Aedos**, Porto Alegre, v. 15, n. 34, p. 102-119, jul–dez., 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/128270>. Acesso em: 13 set. 2023.

CALDEIRA, Odilon Neto. **Negacionismo e Anti-semitismo nos textos da Revisão Editora**. Monografia (Especialização em História Social e Ensino de História), Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2008.

CAMPOS, Alexandre Freitas.; WANDERLEY, Sonia Maria de Almeida Ignatiuk. “Nazismo de esquerda” e Fake History: do Facebook a Netflix, uma análise do streaming para a educação em tempos de pós-verdade. **Revista Historiar**, [S. l.], v. 14, n. 26, p. 37–57, 2022. Disponível em: [//historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/428](http://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/428). Acesso em: 12 jun. 2023.

CLEMENTE, Olívia Cascardo. **Arthur Butz e os procedimentos de negação do holocausto**. 2014. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História)–Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2014. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/65>. Acesso em: 30 jul. 2023.

CUNDARI, Paula Casari. **Limites da liberdade de expressão: imprensa e judiciário no “Caso Editora Revisão”**. 255 f. 2006. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação Social)–Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4611>. Acesso em: 06 ago. 2023.

D'ANCONA, Matthew. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. **Barueri: Faro Editorial**, 2018.

DEMORI, Leandro. Pesquisadora encontra carta de Bolsonaro publicada em sites neonazistas em 2004. **The Intercept Brasil**. 28 jul. 2021, 19h28. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/07/28/cartabolsonaroneonazismo/?fbclid=IwAR2kQThb1EeYEfiKlgAXArTPH85gbUfCk16yymDMfSgGGG7MnJfR9IC4xU>

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet**. 2007. 329p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1605300>. Acesso em: 15 set. 2023.

GANDRA, Edgar Avila; JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega. O negacionismo renovado e o ofício do historiador. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2020.3.38411>. Acesso em: 30 jul. 2023.

GELLATELY, Robert. **Lênin, Stalin e Hitler: A era da catástrofe social**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ITUASSU, A. De Donald Trump a Jair Bolsonaro: democracia e comunicação política digital nas eleições de 2016, nos Estados Unidos, e 2018, no Brasil. In: **8º Congresso COMPOLÍTICA**, Brasília–DF. 2019.

MACIEL, Lucas Tadeu de Oliveira; RODRIGUES, Lucio Antonio. A composição de maus e as representações da Shoa: entre literatura, história e quadrinhos. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, v. 19, n° 57, p. 36-45, set./dez. 2013. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO19/57SUP/03.pdf>

MAZZA, Izabela Fernandes. **O impacto do Grupo Qanon na mobilização eleitoral estadunidense de 2020**. 2022. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35747>. Acesso em: 06 ago. 2023.

MEINERZ, Marcos. O negacionismo do holocausto como estratégia política contemporânea: uma análise a partir de discursos de extrema-direita difundidos entre os séculos XX e XXI. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 17, n. 33, p. 21–51, 2023. DOI: 10.30612/rehr.v17i33.16126. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/16126>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MELO, Lucas Almeida de. **Arte nazifascista e estética reacionária: a extrema direita no Governo Bolsonaro (2018 – 2022)**. 2022. 122 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/19726>. Acesso em: 30 jul. 2023.

MENESES, S. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 66–88, 2019. DOI: 10.20949/rhhj.v8i15.522. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/522>. Acesso em: 03 set. 2023.

_____. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história

(2010-2020). **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 87, p. 61–87, ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-05>. Acesso em: 23 jul. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e Revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. *Novos combates pela História: desafios, ensino*. São Paulo: Contexto, 2021, p.85-114.

NAQUET, V. **Os Assassinos da Memória**. Campinas. Editora Unicamp, 1987.

OLIVEIRA, Jonathan Wilians de; LARIZZATTI, Lucas Auad da Silva. **O fascínio eterno pelo nazismo: uma análise de conteúdo da ideologia nazista e seus vetores no mundo contemporâneo**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Públicas) - Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/215290>. Acesso em: 03 jul. 2023.

ORSI, Carlos. **Negacionismo & Desafios da Ciência**. São Paulo. Editora Cultura, 2022.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos combates pela história: Desafios-Ensino**. Editora Contexto, 2023.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Revista Tempo & Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. 1-35, set./dez., 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0201>. Acesso em: 05 mai. 2023.

PUGLISI, Maria Laura Franco Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Liber Livro Editora. 2005.

RAGUSA, Helena. Expressões antidemocráticas da extrema-direita na conjuntura brasileira atual: neonazismo, negação do holocausto e antissemitismo. **Entropia**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 113–128, 2023. DOI: 10.52765/entropia.v7i13.463. Disponível em: <https://www.entropia.slg.br/index.php/entropia/article/view/463>. Acesso em: 15 ago. 2023.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes; RIBEIRO, Kelli da Rosa. Vozes (neo)nazis e(m) diálogo tropicalizado: uma análise do discurso do ex-secretário Roberto Alvim. **Letras Escreve**, Macapá, v. 10, n. 2, p. 187- 199, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/733>. Acesso em: 10 ago. 2023.

RÜSEN, Jörn. Pragmática – a constituição do pensamento histórico na vida prática. In: **Razão histórica – teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília, Editora da UNB, 2001, p.53-67

SILVA, José André Ribeiro. REDES SOCIAIS E O NEGACIONISMO COMO INDIFERENÇA. **ARARIPE — REVISTA DE FILOSOFIA** - , v. 4, n. 1, p. 76-91, 29 ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.56837/Araripe.2023.v4.n1.1147>

SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo Martin; RAMOS, Márcia Elisa Teté. Narrativas históricas na tecnosfera: a responsabilidade de ensinar História através da internet. In: RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo; FRONZA, Marcelo (Orgs.). **Ensino de História e Internet: aprendizagens conectadas**. São Paulo: Paruna Editorial, 2021, p. 13-35

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**, v. 41, p. 13-36, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-03>. Acesso: 05 jun. 2023.

ZART, Patrícia Pereira. **Bolsonaro imita Trump? Um estudo sobre a semelhança do polêmico comportamento dos dois presidentes**. 2020. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Relações Internacionais)— Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/28614>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FONTES ANALISADAS

Após falar em “Noite dos Cristais brasileira” Weintraub volta a comparar operação da PF e nazismo. **Estadão**, 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/weintraub-volta-a-comparar-acoes-durante-a-pandemia-com-nazismo/>

Associação judaica dos EUA exige que Araújo se desculpe por comparar isolamento social a campos de concentração nazistas. **O Globo**, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/associacao-judaica-dos-eua-exige-que-araujo-se-desculpe-por-comparar-isolamento-social-campos-de-concentracao-nazistas-24400266>

Beatrix von Storch: quem é a líder da extrema-direita alemã que se reuniu com Bolsonaro. **BBC News**, 2021. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57978671#:~:text=Descendente%20do%20grão-ducado%20de,a%20baixa%20natalidade%20na%20nação>

Bolsonaro defende discurso sobre Ustra e ‘nazismo de esquerda’ no último dia em Israel. **BBC**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil->

[47794953#:~:text=No%20último%20compromisso%20oficial%20de,pela%20Juística%20brasileira%20como%20torturador](#)

Bolsonaro diz não ter 'dúvida' de que nazismo era de esquerda. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/02/bolsonaro-diz-nao-haver-duvida-de-que-nazismo-era-de-esquerda.ghtml>

Bolsonaro diz que ideologia nazista deve ser “repudiada de forma permanente”. **CNN Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-ideologia-nazista-deve-ser-repudiada-de-forma-permanente/>

Bolsonaro diz repudiar nazismo, mas cita comunismo como ideologia a ser combatida. **Estadão**, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-repudia-nazismo-e-pede-mais-juizo-mas-cita-comunismo-como-ideologia-a-ser-combatida/>

Bolsonaro repudia nazismo e pede que o mesmo seja feito com o comunismo. **Uol**, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/02/09/bolsonaro-lembra-de-relacao-com-israel-e-diz-repudiar-nazismo-e-comunismo.htm>

Eduardo Bolsonaro compara movimento Black Lives Matter a nazismo. **Estado de Minas**, 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/07/28/interna_politica,1170884/eduardo-bolsonaro-compara-movimento-black-lives-matter-a-nazismo.shtml

Eduardo Bolsonaro diz que comunismo é pior que nazismo. **Congresso em Foco**, 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/congresso-nacional/eduardo-bolsonaro-diz-que-o-comunismo-e-pior-que-o-nazismo/>

Felipe Martins, assessor de Bolsonaro, vira réu por racismo após gesto supremacista. **Brasil de Fato**, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/23/filipe-martins-assessor-de-bolsonaro-vira-reu-por-racismo-apos-gesto-supremacista>

Flávio Bolsonaro e Mario Frias postam analogia entre isolamento e Holocausto nas redes sociais; entidade judaica reage. **O Globo**, 2021. Disponível em:

<https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/flavio-bolsonaro-e-mario-frias-postam-analogia-entre-isolamento-e-holocausto-nas-redes-sociais-entidade-judaica-reage.html>

Hospital Albert Einstein afasta médica defensora da cloroquina após declaração sobre nazismo. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/11/hospital-albert-einstein-afasta-medica-defensora-da-cloroquina-apos-declaracao-sobre-nazismo.ghtml>

Não há dúvida de que nazismo foi movimento de esquerda, diz Bolsonaro em Israel. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/nao-ha-duvida-de-que-nazismo-foi-movimento-de-esquerda-diz-bolsonaro-em-israel-23567959>

Regina Duarte incentiva marcação de comércios petistas, tática usada no nazismo. **Carta Capital**, 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/regina-duarte-incentiva-marcacao-de-comercios-petistas-em-tatica-usada-no-nazismo/#:~:text=A%20ex-secretaria%20da%20Cultura,simbolo%20do%20Partido%20dos%20Trabalhadores>.

Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido. **El País**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html>

ANEXOS





1- Estado com poder absoluto

Hitler defendia um Estado com poderes ilimitados. O próprio nome do seu partido deixa isso claro: Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.

O socialismo é uma doutrina política de esquerda que defende um governo muito poderoso.

Essa doutrina entende que o Estado representa a vontade da população, de maneira que as ações do governo sempre representam o bem comum.

- Conheça o pensamento de Karl Marx, um dos principais ideólogos do socialismo.

O famoso livro de Hitler, *Mein Kampf (Minha Luta)*, detalha seu modo de pensar.

Em seu livro, Hitler demonstra aderir ao pensamento socialista.

O Ministério da Propaganda Nazista, dirigido pelo Dr. Joseph Goebbels, assumiu o controle de todos os meios de comunicação alemães: jornais, revistas, livros, exposições artísticas, músicas, filmes, rádio, reuniões públicas e comícios.

Segundo o site Enciclopédia do Holocausto:

“Durante a primavera de 1933, organizações estudantis, professores e bibliotecários nazistas elaboraram longas listas de livros que eles acreditavam serem impróprios para os alemães.

Tendo isso em mãos, na noite de 10 de maio de 1933, por toda a Alemanha, os nazistas invadiram bibliotecas e livrarias e levaram para as ruas os livros censurados.

Mais 25.000 livros foram queimados”.

- Entenda como a liberdade de expressão é atacada no Brasil através do documentário *Os Donos da Verdade*, da Brasil Paralelo.